



BIBLIOTHECA

N.º 170

:o:

O Gaiato de Lisboa

COMEDIA-DRAMA EM 2 ATOS

IMITAÇÃO DE
ARISTIDES ABRANCHES

Representada, com grande sucesso, em diversos
teatros de Portugal e Brasil.



NOVA EDIÇÃO



Preço Cr\$ ~~1,00~~

LIVRARIA TEIXEIRA
VIEIRA PONTES & CIA. LTDA. — Editores
Rua Libero Badaró, 491
S. PAULO

LIVRARIA TEIXEIRA

VIEIRA PONTES & CIA. LTDA. — Rua Libero Badaró, 491
PRIMEIRA CASA DO PAIS NO GENERO THEATRAL E FORNECEDORA DAS
PRINCIPAIS SOCIEDADES, GRUPOS DRAMATICOS e CIRCOS DO BRASIL
Não se enviam peças á AMOSTRA, não se TROCAM, nem se aceitam DEVOLVIDAS

COMÉDIAS EM 1 ATO	
Almoço aos pontapés	7,00
Casamento por telefone	7,00
3 homens	
Atribuições dum estudante	7,00
Por um triz!	7,00
Um filho para três pais	7,00
4 homens	
Como se arranja um marido	7,00
Um disparate cômico	7,00
Valentes e medrosos	7,00
6 homens	
Simplicio, Castanha & Cia.	7,00
Uma casa de estroinas	7,00
Um noivo de Alcanhões	7,00
7 homens	
Dois estudantes no prego	7,00
Meia hora de cinismo	7,00
1 homem e 1 senhora	
Almoço (O) do homem sandwich ..	7,00
Amor por anexins	7,00
Amor trambolho	7,00
Ao calçar das luvas	7,00
Carnet (O)	7,00
Procuração (A)	7,00
Rais maravilhosa	7,00
Sinos de Corneville	7,00
Uma prova de consideração	7,00
Um truc admiravel	7,00
1 homem e 2 senhoras	
Carta a Santo Antonio	7,00
2 homens e 1 senhora	
Aqui não entram mulheres! (Guerra às mulheres)	7,00
Viuva das Camélias	7,00
Bonde errado!	7,00
Choro ou rio?	7,00
Centerranea (A)	7,00
Deu o pavão!	7,00
Eu não sou eu!	7,00
Já ouvi espirrar este nariz!	7,00
Por causa duma camélia	7,00
Trinta potões (Os)	7,00
Uma experiência	7,00
Um casamento no escuro	7,00
Um plano infalivel	7,00
Um prego na fechadura	7,00
2 homens e 2 senhoras	
Visconde da Rosa Branca	7,00
3 homens e 1 senhora	
Apuros (Os) de Lulú	7,00
Nhó Manduca	7,00
Noiva (A) e a egua	7,00
Que Trindade!	7,00
Ramo (O) de lilazes	7,00
Ressonar sem dormir	7,00
Um marido que é vítima das modas 3 homens e 2 senhoras	7,00
Duas (As) bengalas	7,00
Na Roça	7,00
Primeiro (O) cliente	7,00
3 homens 3 senhoras	
Na cidade (o sete nomes)	7,00
4 homens e 1 senhora	
Casa de doidos	7,00
Comi o meu amigo	7,00
Coração e estomago	7,00
Dois mineiros na Côte	7,00
Morte (A) do Galo	7,00
Pinto, Leitão & Cia.	7,00
Quincas Teixeira	7,00
Seu Juca Pindoba	7,00
Uma criada impagavel	7,00
4 homens e 2 senhoras	
Diabo (O) atraz da porta	7,00
Milagres de Santo Antonio	7,00
Mã peça!	7,00
Não tem titulo	7,00
3 homens e 3 senhoras	
Na cidade (o sete-nomes)	7,00
5 homens e 1 senhora	
Casar sem saber com quem	7,00
Cautela com as mulheres	7,00
Dois (Os) Jucas	7,00
Dois (Os) surdos	7,00
Espada (A) do general	7,00
Medico-mania	7,00
Morrer para ter dinheiro	7,00
5 homens e 2 senhoras	
Doido... por conveniência	7,00
5 homens e 4 senhoras	
Casamento (O) do Pindoba	7,00
7 homens e 2 senhoras	
Porto, Madeira & Colares	7,00
8 homens e 1 senhora	
Maneco Pingurra	7,00
COMÉDIAS EM 2 ATOS	
Almas do outro mundo, 4 h. e 2 s.	10,00
Casar para morrer!, 2 h. e 2 s.	10,00
Chefe (O) Politico, 6 h. e 1 s.	10,00
Divorcio (O), 5 h. e 2 s.	10,00
Flôr do Ipê, 5 h. e 2 s.	10,00
Lelê, 4 h. e 2 s.	10,00
Perdi minha mulher (Um servo pe- rigoso), 3 h. e 1 s.	10,00
COMÉDIAS EM 3 ATOS	
Abençoados pontapés, 7 h. e 1 s.	12,00
Agua mole em pedra dura... 3h. e 1 s.	12,00
Alegrias (As) do Lar, 5 h. e 3 s.	12,00
Aventuras de um rapaz feio, 4 h. e 3 s.	12,00
Bandeirante (O), 6 h. e 3 s.	12,00
Balduino, 5 h. e 3 s.	12,00
Cala a boca, Etlvina, 5 h. e 5 s.	12,00
Casa do Tio Pedro, 9 h. e 7 s.	12,00
Çigana (A) me enganou, 4 h. e 3 s.	12,00
Chica Bôa, 4 h. e 4 s.	12,00
Consequencias... de inconsequencias, 5 h. e 3 s.	12,00
Coração (O) não envelhece, 5 h. e 3 s.	12,00
Dar corda para se enforçar, 4 h. e 2 s.	12,00
Ditadora (A), 5 h. e 4 s.	12,00
D. Juan de Pampilhosa, 6 h. e 2 s.	12,00
Domínós (Os), 5 h. e 2 s.	12,00
Feia, 4 h. e 4 s.	12,00
Flôr dos maridos, 7 h. e 7 s.	12,00
Feitiço, 4 h. e 5 s.	12,00
Gaspar Cacête, 4 h. e 3 s.	12,00
Grande (O) Hotel de Sarilhos, 8 h. e 1 s.	12,00

BIBLIOTECA DRAMATICA POPULAR

N.º 170

O Gaiato de Lisbôa

COMEDIA-DRAMA EM 2 ATOS

IMITAÇÃO DE

ARISTIDES ABRANCHES

Representada, com grande sucesso, em diversos teatros de
Portugal e Brasil

NOVA EDIÇÃO



LIVRARIA TEIXEIRA

VIEIRA PONTES & CIA.

Rua Libero Badaró, 491

S. PAULO

1952

PERSONAGENS

JOSÉ, aprendiz de tipografo		12	anos
O GENERAL SARMENTO		60	"
EDUARDO SARMENTO		20	"
A BARONEZZA DO VALME) (2)		(40	"
COSME, sacristão) (1)	(20	"
MANUEL, creado do general) (1)	(70	"
DOROTEA, avó de José) (2)	(50	"
EMILIA, irmã de José		18	"

LISBOA — ATUALIDADE

(1) (2) Estes papeis podem dobrar, convindo.

PRIMEIRO ATO

Sala modestamente mobiliada. Cmoda á E. A. Meza, cadeiras, etc.
Portas ao F. e laterais.

CENA I

DOROTEA, EMILIA e EDUARDO

(Ao subir do pano, Dorotea está sentada n'uma cadeira em frente de Eduardo, que, junto à mesa, lhe está tirando o retrato. Emilia, à D. B., trabalha à maquina em roupa branca).

DOROTEA — Ainda não está concluido o retrato, sr. Eduardo?

EDUARDO — Ainda não, minha senhora. O nariz precisa de ser retocado...

DOROTEA — Valha-me Deus! Este retrato está-me parecendo as obras de Santa Engracia! Umaz vezes por causa das sobrance-lhas, outras, por causa do queixo... sempre ha um motivo para a obra se não acabar!... Hoje, foi por causa do nariz... Pois ele não é agora tamanho... (apalpa o nariz).

EDUARDO — Não é por isso, minha senhora...

EMILIA (do seu lugar) — Tenha mais um bocadinho de paciencia, avosinha. Bem vê que já está muito adiantado.

EDUARDO — Em duas ou tres sessões deve ficar concluido.

DOROTEA — Duas ou tres?!... Estou servida!...

EMILIA — Ora vejam o grande sacrificio!

DOROTEA — Estivesses tu no meu logar, aqui pespegada duas e tres horas por dia, sem te poderes mecher, nem falar... Ah! que se não fosse por satisfazer os desejos dos meus netos, não tinha consentido em semelhante coisa.

EMILIA — Não diga tal, avósinha. A boa vontade com que o nosso visinho, o sr. Eduardo, se prestou a tirar-lhe o retrato, também deve merecer-lhe alguma atenção.

DOROTEA — Bem sei. Nem eu quiz ofender o sr. Eduardo, essa é boa! Bem lhe basta, coitado o trabalho que tem tido com a minha carantonha. Depois, é uma pessoa tão atenciosa...

EDUARDO — Oh, minha senhora!

DOROTEA — Tão arranjado, tão amigo de dar ordem á vida... Quem me dera que o meu José se parecesse com o senhor visinho.

EDUARDO — E' ainda muito novo.

EMILIA — E' o que eu digo á avósinha: Deixe-o ter mais idade.

DOROTEA — (duvidasa) Hum!... Aquele já não perde o genio adoidado e turbulento. O sr. Eduardo, que é um rapaz serio e de bom conselho, é que podia repreende-lo. Ralhe com ele, diga-lhe que não me dê desgostos, que se faça homem, para vir a ser um dia o amparo de sua irmã.

EDUARDO — Deixe-o por minha conta, eu lhe pregarei um bom sermão.

DOROTEA — Duvido que tire resultado. Aquilo é um gaiato sem vergonha. Quem diz bem é o Cosme. «Meta-o nas Monicas, sra. Dorotea, meta-o nas Monicas»...

EDUARDO — Ora o Cosme! O sacristão cá da freguezia!

DOROTEA — Esse mesmo.

EMILIA — E presta a avósinha ouvidos ao que diz o Cosme. Um homem que não pode vêr o José porque o pobre rapaz lhe chama, amiudadas vezes. Cosme Manhoso, (Eduardo ri).

DOROTEA — Pois sim; mas, devia ser aplicado ao trabalho, e não o é. O que ele quer é vadiar, andar ás bulhas com os outros rapazes... Algum dia vejo-o entrar em casa com a cabeça partida ou um olho de menos!

EMILIA — E' garoto, é, avósinha, mas, tem muito bom coração.

DOROTEA — Isto tem. Sae ao pae, que Deus haja. Pois inteligente?... O sr. Eduardo não faz ideia!...

EMILIA — Ainda no domingo, o mestre da imprensa onde ele trabalha, disse á avósinha: «O José é muito esperto, e se quizesse puxar por si, em pouco mais de dois anos conclua o tempo de aprendizagem»...

DOROTEA — Mas, não conclue, verás... Se o endemoninhado foge do trabalho como o demo foge da cruz! Pois tem á vista um bom exemplo... (a Eduardo, indicando-lhe disfarçadamente Emilia). Assim ele quizesse imita-la. Não é por ser minha neta, mas não se encontra outra mais recatada e trabalhadora.

EDUARDO — (levantando-se e indo a Dorotea) E' um anjo, todos o dizem...

DOROTEA — Pela sua educação e pelo seu nascimento, devia

estar-lhe reservada melhor sorte... Deus, não o quiz assim; que se lhe ha de fazer? (Emilia, que ficou melancolica, deixa cair a obra em que trabalhava).

EDUARDO — (indo apanhar a roupa que caira a Emilia) Aqui está, minha senhora, (baixo a Emilia) Que tristeza é essa, Emilia?

CENA II

OS MESMOS e COSME

COSME — (entrando F.) Então, como passaram os meus ricos visinhos? (para Doroteta) As suas velinhas de cera lá ficaram alumiando a senhora do Rosario (n'outro tom) Estão bons, segundo observo?... Ora muito estimo. Eu, por mim, se não fôra um reumatismosinho n'este joelho... mas, enfim, quando mal, nunca pior, louvado seja o Senhor!... E sempre agradecido ao cuidado dos meus ricos visinhos!

EDUARDO — (áparte) Pergunta e responde. E' uma espécie de cura de Povos: Fal-os e batisa-os!

COSME — (dirigindo-se a Eduardo) Então, ainda isso não está pronto?... Tem custado!... (examinando o retrato) Sim senhor!... Está muito parecido!... Está mesmo tal e qual, está!... Só lhe falta falar. O que eu admiro é como o senhor visinho tem tempo para estas coisas... Sim, bem vê a sra. Dorotea que... um homem que tem a sua vida tão ocupada, que até é raro passar as noites em casa...

EDUARDO — (surpreendido) Eu?!

EMILIA — (inquieta, áparte) Meu Deus!

COSME — Notem, que não sou eu que o digo. Foi o barbeiro ali defronte, que ainda esta manhã, estando a fazer-lhe a barba, me perguntou: «O' seu Cosme, quem é aquele rapaz que móra lá na sua escada, no quarto ao lado da tia Dorotea?» «Creio que é um pintor, respondi eu». «Mas, tornou ele, que demonio irá ele fazer todas as noites, que, em sendo ai pouco mais de nove horas, sae de casa, muito cosidinho com a parede, e não se recolhe senão no outro dia?» Eu, cá, nunca reparei em tal...

DOROTEA — Nem eu! Verdade é que ás nove horas já nós estamos recolhidas.

EDUARDO — (comprometido) Tambem eu... ordinariamente... Não nego que saio algumas vezes a essa hora, mas é só quando vou a Academia, à aula de desenho... (áparte) Maldito falador!

COSME — Eu falei n'sto por vir ao consoante de dizer que o senhor anda muito ocupado! Enquanto ao mais, nada tenho com a sua vida. Sua alma, sua palma; quem boa cama fizer, n'ela se deitará. Lá para onde o senhor vai e d'onde o senhor vem, isso não quero eu saber. Rapazes, rapazes... Pois não é verdade, sra. Dorotea?

EMILIA — (áparte) Se ele soubesse o mal que me está fazendo!

COSME — Nem eu toquei no ferrolho da minha rica vizinha para falar mal das vidas alheias. Nada, não senhor!... Louvado seja Deus, não tenho esse séstro! «Amái o próximo, como a nós mesmos», é o que manda a Santa Madre Igreja. Se cá vim foi para tratar de um negócio muito sério.

EMILIA — Ou para fazer queixas do José, segundo o seu costume.

COSME — Pois, enganou-se. Ainda que, se eu quizesse, não me faltavam motivos... Pedaço de brejeiro!... Não ha ainda muito...

DOROTEA — Não ha ainda muito?... Pois, encontrou-o?!... Ele não está na oficina?!...

COSME — Qual está... Aquilo só desencando-o.

EMILIA — Quem o ouvir ha de julgar que o pobre rapaz matou alguem. Sempre desejava saber o que ele fez.

COSME — Quer saber?... As minhas costas que l'ho digam. Estou ainda empanzinado, sra. Dorotea! Ora, imagine, que haverá duas horas, descia eu as escadinhas do Duque, quando de repente: zás! Pespegam-me, mesmo em cheio, no meio das costas, com um tijolo que devia pezar alguns quilos, e ao mesmo tempo ouço uma voz gritar: «Guarda a «tóla». O aviso vinha a tempo. Eu havia de guarda-la bem. (Emilia e Eduardo riem) Riam, riam!... Ah, mocidade!... «Juventutem.. juventutis», como diz o padre Bernardo. Mal tornei a mim, voltei-me fulo e rubro pela colera, e que hei de eu vêr, minha rica sra. Dorotea?... No meio de uns garotos, o gaiato do seu neto a rir e a fazer-me caretas. Corro para ele mas os outros gaiatos cercam-me, fazendo grande alarido e trazem-me aos empurrões pelas escadinhas abaixo, incitados pelo brejeiro do José, que acompanhava a procissão cantando em tom de ladainha: «S. Cosme Manhoso, livra-te lá d'esta!...» E os patifes párece que duplicavam os pés para virem todos bater-me no mesmo sitio... (põe as mãos nos quadris).

DOROTEA — (para Emilia) Ouviste, tu que estás sempre a defende-lo?

EMILIA — Ora vejam o grande mal.

COSME — Ora essa!... Pois acha pouco? Então que queria a menina... que ele me aleijasse ou me matasse?

EMILIA — (áparte) Não se perdia coisa boa. (ouve-se fóra a voz de José).

COSME — (áparte) E' ele! (senta-se, apressadamente, como para resguardar a parte trazeira).

CENA III

OS MESMOS e JOSE'

JOSE' — (á porta, de blouse, sem chapéu e todo molhado) O' Mila, Mila, dá cá outro fato, Mila... (entra a tiritar de frio).

EMILIA — Jesus, como ele vem!

DOROTEA — Ai, pecados da minha vida, em que estado o puzeram!

COSME — Ai está no que dão as garotadas...

JOSE' — Meta também a colherada, seu escorrupticha galhetas, (Aparte) A minha pena é não lhe ter ferrado com o tijolo na caixa dos miolos.

DOROTEA — Mas, donde vens tu, rapaz? Donde vens tu nesse estado?!

JOSE' — Do Aterro, avózinha; e estava a água tão fria que até parece que lhe tinham deitado gelo.

DOROTEA — (

COSME — (Do Aterro?!

EDUARDO — (

EMILIA — (

COSME — (a Dorotea) Foi bulha que teve com outros gaia-tos, já se vê.

JOSE' — (arremedando Cosme) Foi... Pois enganou-se seu Cosme Manhoso! Não lhe dê ouvidos, avózinha. (a Cosme) Apeteceu-me tomar banho assim vestido... Ora aí está. (deita a língua para fóra a Cosme) An!...

DOROTEA — Olha que tu provas-me as mãos, José (avança para José).

JOSE' — (fugindo de Dorotea) Pois não provaste! Eu já sei o costume: A avózinha tem muita parra, mas a respeito de uva é zero. (tira da algibeira um lenço molhado e sacode-o para cima de Cosme) Água vae.

COSME — (levantando-se e sacudindo-se) O' garoto!... O' garoto, que me encharcas!

EDUARDO — (segurando José por um braço) Vamos lá tem juizo.

JOSE' — Olé!... Também por cá está o seu Eduardo?!...

DOROTEA — Mas como foi isto? Porque te molhaste tu rapaz? Tu és os meus pecados, José! Tu has de dar comigo na cova!...

COSME — Dá, olé se dá.

JOSE' — (arremedando Cosme) Dá, olé se dá (a Dorotea) Deixe lá falar aquele papa cêra!...

COSME — (levantando-se) Garoto! Atrevido! Vadio!

JOSE' — Você faz favor de não me chamar nomes diante da avózinha. Olhe que eu... (ameaçando dar um pontapé em Cosme, que vae logo sentar-se) Olhe que eu já o não vejo bem.

DOROTEA — (severamente, batendo com o pé no chão) — Quem sou eu aqui, José?

JOSE' — Vocemecê... vocemecê é a avózinha...

DOROTEA — Tu atreves-te a insultar as pessoas que me fazem o favor de vir a esta casa?

JOSE' — Pois diga-lhe que se não meta comigo, e já eu estou quieto. Sim, eu cá sou muito bom, mas em me puxando... (para Emilia, O' Milasinha, vai buscar outro fato, anda.

EMILIA — (para Dorotea) Mas, que fato lhe hei de eu dar, avózinha?

DOROTEA — Dá-lhe o dos domingos, que remedio!... A outra blouse e a calça estão na lavadeira...

EMILIA — Que pena! Um fatinho ainda novo e que lhe ficou tão bem feito... ir já mete-lo ao trabalho! (vae á comoda tirar o fato para José).

JOSE' — Ora vejam a grande desgraça!...

DOROTEA — E, quem te mandou deitar ao mar, pedaço de mariola?

COSME — Ande, responda á sua avó.

JOSE' — E se eu não quiser, quem me ha de fazer dar á lingua? Você tambem é meu avó, tambem manda aqui alguma coisa?... Diga?

EDUARDO — (rindo) Despe-te- anda: Olha que te constipas.

JOSE' — (enquanto Emilia vem ajuda-lo a despír a blouse) Ah Você já se chega? Então hoje não está tão soberbo como hontem, hein?

EDUARDO — (simulando estranheza) Que dizes tu?!...

EMILIA — Soberbo, o sr. Eduardo?!... (depois de ter despido a blouse, a José, qu passa a Dorotea, tira-lhe da algibeira das calças um pião) Que trazes tu aqui, José?

JOSE' — (tirando o pião das mãos de Emilia) Larga, larga... que isto não se fez para as raparigas.

COSME — Um pião?!...

JOSE' — Ora vejam... (abrindo muito a boca) Um pião?!...

COSME — Aí está no que ele se entretém!... E a pobre avó a cuidar que ele está na officina.

DOROTEA — (tirando doutra algibeira de José um tijolo) Mas, que é isto, senhores?!

COSME — (mal vê o tijolo) E' ele!... o tijolo que me veio ás costas... (pega no tijolo) Ora imagine a sra. Dorotea...

JOSE' — (tirando o tijolo das mãos de Cosme) Ponha como as galinhas, ande.. (para Dorotea) Não faça caso do que diz esse Manhoso, avósinha. (para Emilia) Dá cá a farpela, ó Mila... (baixo) Logo te contarei tudo. (apontando para Eduardo e de modo que só este e Emilia ouçam) Vi-o ontem de carrinho, todo puxado á sustancia e a fazer que me não via, o impostor. (alto) O' Mila, anda dar-me roupa branca, que esta está esfriando o corpo. (e caminha-se para E. A., olhando de soslaio para Cosme e rindo ao mesmo tempo que diz baixinho, mostrando-lhe o tijolo) «S. Cosme Manhoso... ha-de te ir á tóla».

EMILIA — (á porta da E. A.) Sobre a cama tens a roupa que engomei e estava para guardar.

JOSE' — (voltando-se) Agradecida, sra. Mila (sae E. A.).

CENA IV

DOROTEA, EDUARDO, COSME e EMILIA

EDUARDO — (áparte) Este demonio ia deitando tudo a perder.

DOROTEA — Afinal fiquei sem saber porque se deitou ao mar.

EMILIA — Depois o saberá.

DOROTEA — Este rapaz ha de ser a causa da minha morte.

COSME — No caminho da perdição vai ele; oh, se vai!

EMILIA — Que está o senhor a dizer? Se lhe parece, venha também afligir a avósinha...

COSME — Deus me defenda! «sed libra nós a malo», como se diz no latim da missa. Se cá vim foi para negocio de que podem resultar muitas alegrias para esta honrada familia... não falando no... (tosse, olhando para a porta por onde saiu José).

DOROTEA — Então que vem a ser, sr. Cosme?

COSME — E' segredo.

DOROTEA — Ai começa o senhor com os seus misterios.

COSME — Mas não o é para a sra. Dorotea; e se a minha rica visinha quizesse dar dois minutos de atenção particular...

DOROTEA — Pois não. (para Eduardo) Dá licença, senhor Eduardo?

EDUARDO — Essa é boa, minha senhora; á tarde ou amanhã de manhã virei continuar o retrato.

DOROTEA — Quando quizer.

EDUARDO — (despedindo-se) Minha visinha, sr. Cosme...

DOROTEA — Até depois, sr. Eduardo.

COSME — E não fique mal comigo por causa da conversa de ainda agora. (sai com Dorotea pela D. A. Eduardo vai a sair pelo F. e logo que os dois desaparecem desce á cêna).

CENA V

EDUARDO e EMILIA, depois JOSE'

EMILIA — Então, que fazer? Olhe se a avósinha vem por aí...

EDUARDO — Pretextarei que me esqueceu o lapis, e por isso voltei atrás.

EMILIA — Que facilidade tem em achar «pretextos»!... Não lhe deve ser muito custoso mentir.

EDUARDO — Que modos são esses de me tratar, Emilia? Aca-so não tens confiança em mim? (chegando Emilia a si).

EMILIA — Há momentos em que chego a persuadir-me de que tu me enganas...

EDUARDO — Não sejas criança. Que maiores provas queres tu do meu amor? Não passo a teu lado todos os momentos que o trabalho me deixa livre?

EMILIA — Ah, Eduardo! Se me enganasses... a mim... sobre rapariga, que acreditei cegamente nos teus juramentos e nas tuas promessas... serias o mais perverso de todos os homens!...

EDUARDO — Mas não engano, crê; e seja qual fôr a sorte que me está reservada, nunca hei de esquecer-me de ti. (beija a mão de Emilia).

JOSE' — (entrando e vendo Eduardo beijar a mão de Emilia) Viva lá!... Assim é que é jogar!...

EMILIA — (áparte) Valha-me Deus! (afasta-se).

EDUARDO — (meio comprometido) Adeus José. (sai F.).

CENA VI

EMILIA e JOSE'

JOSE' — (descendo) O' Mila: Ele deu-te um beijo? Que pedaço de asno!... Beijar a mão... quando um palmo mais acima tinha a cara. Havia de ser comigo...

EMILIA — Que farias se fosse contigo?

JOSE' — Tinha-te finfado um chocho mesmo na bochechinha; pois então!... Quem não quer que os passaros vão aos figos... põe espantalhos na figueira.

EMILIA — (desviando a conversa) Ainda sentes frio?

JOSE' — Qual! Estou quentinho que nem um borralho!... (aprumando-se e puchando o fato) O' Mila, não me fica tão bem esta farpela?

EMILIA — Tão bem como a qualquer outro.

JOSE' — Isso é que não. Outro qualquer não tem esta fôrma. Tivesse eu um carrinho com dois cavalos, de laçarotes nas orelhas, e mesmo com este fato, havia de fazer um vistão a «flanar» por essas ruas, cá de charuto ao canto da bocca... todo repimpado... e a deitar baforadas para as pequenas que estivessem á janela... E olha que não havia de ter imposturisse como o Eduardo...

EMILIA — Mas que historia é essa do Eduardo?

JOSE' — Pois eu ainda te não disse? Então ouve lá: Ontem, ia eu pela Patriarcal a lêr as provas de um artigo que levava ao autor, quando ouvi muita gente a gritar: «Eh, rapaz, eh! Foge, rapaz, foge!...» Vai, que havia de ser? Era eu que ia tão distraído que não senti o rodar de um carinho puxado a dois cavalos que vinha a toda brida pela rua afóra e já estava quasi a tocar-me com a ponta da lança nas costas. Oh! Mila! Não te conto nada! Dou um salto para o lado e quem hei-de eu vêr? O «seu» Eduardo, cá, de redeas na mão, todo líró e penteadinho, a puxar para traz os cavalos com quanta ancia tinha!... «Então você queria dar-me cabo do canastro?» disse-lhe eu cá da rua. Mas, ele, moita; atira uma chicotada aos cavalos e eil-o que parte por aí fóra que nem um raio! E' um impostor, digo-t'o eu. Fez que me não conhecia por eu ir com o fato do trabalho.

EMILIA — Isso pode lá ser! O sr. Eduardo, um pintor, pode lá ter carrinho!...

JOSE' — Pois senão é dele, é emprestado ou alugado. Lá que era ele, isso vou jura-lo pelo vida da avósinha, que é a pessoa que mais estimo neste mundo. Mas, não tem duvida; eu hei de achar o fio á meada. Ao lado do tal melro... ia um criado de casaca azul com botões amarelos, e como eu o conheço de o ver passar muito lá pela rua da officina, faço-me encontrado com ele e verás como eu logo o faço vomitar tudo.

EMILIA — Mas, diz-me lá: Porque te deitaste ao mar?

JOSE' — Porque tenho «ralé» intendes tu?

EMILIA — O que vem a ser isso?

JOSE' — «Ralé» vem a ser... sim... é como o outro que diz,

uma coisa que a gente sente aqui dentro, que não a deixa «verbi gratia» como diz o Cosme, ver o seu semelhante em perigo e ficar de braços cruzados a olhar para ele.

EMILIA — Não te percebo.

JOSE' — Pois eu me explico, mas olha que não has de contar, seja a quem fôr, o que te vou dizer: (em confidencia, depois de observar a cêna) Eu hoje não fui á imprensa.

EMILIA — Oh, José o que fizeste?!

JOSE' — Fala baixo, pode a avósinha ouvir.

EMILIA — Mas que andaste a fazer até agora?

JOSE' — Andei por aí a reinar. De manhãzinha fui ás Amoreiras na companhia de uns amigos...

EMILIA — Com quem?

JOSE' — Com o Antonio da Amora, filho do torneiro, que foi nosso vizinho aos Cardaes; Massarico, o neto da Eufemia... a pandega do costume. Depois viemos com o 16 que vinha render a guarda do Terreiro do Paço. A banda do 16, como sabes, toca que é uma delicia, e nós vinhamos, no pagode, atraz do regimento: O Antonio tocando pratos; o Massarico, bombo; e eu, flautim... (imita os tres instrumentos a tocar) Uma pandega!

EMILIA — E tu a desviares-te da conversa.

JOSE' — E' verdade, não me lembrava. Agora vai: (tira o pião e a corda da algebeira e começa a enrolar a corda, deita-o e apanha-o depois, na mão) Quando acabou de se render a guarda cada qual tomou o seu destino, e a mim deu-me na bolha e fui ao Aterro. Mal ali cheguei ouvi grande alarido e muita gente a correr para o lado da muralha. Corro tambem e o que havia de ser?... Era uma sopeira, que estando a conversar com um municipal, tinha deixado cair ao mar um pequenito de 3 a 4 anos, com quem saíra a passeio... Toda a gente gritava: «Acudam áquela criança, acudam que se afoga!... Eu cá, mal soube de que se tratava, não estive com uma nem duas: Zás, atiro comigo á agua e agarro o pequeno pelo roupãozinho. Se me demoro mais um instante a pobre criança tinha mergulhado de vez, e boas noites, tio Pedro! Trouxe o pequeno para terra, se tu queres vêr o que eram palmas e vivas! Aquilo nem no teatro!... Uns abraçavam-me... outros queriam saber o meu nome e morada, não sei lá para quê... alguns diziam que eu merecia uma medalha, e até um sujeito muito asseiado teimava comigo para eu lhe aceitar dinheiro. Ora aí tens tu porque eu me deitei ao mar. (durante a fala está deitado e apanhando o pião).

EMILIA — (abraçando José) Meu bom José!...

JOSE' — Tira-te lá, deixa-me deitar o pião.

EMILIA — E ainda havia quem te acusasse!...

JOSE' — (olhando, muito sério, para Emilia) E quem é que me acusava? O Eduardo?

EMILIA — Não, esse faz-te justiça e está sempre a defender-te. Olha José, pê amigo do sr. Eduardo, ainda que não seja por minha causa, e sobre tudo poupa-te a dizer mal dele diante da avósinha.

JOSE' — Está dito.

EMILIA — Sabe Deus o que me custa ter de defende-lo do Cosme, que nunca perde ocasião de deprecia-lo.

JOSE' — Não me fales no danado do sacrista!... Não descanço enquanto não lhe abrir corôa no alto da cachimonia.

EMILIA — Vê o que fazes, José! Olha que ele está muito zangado contigo porque lhe atiraste, de proposito com um tijolo ás costas.

JOSE' — E para que foi ele meter-se no jogo? Eu cá bem o avisei, gritando-lhe: «Guarda a tóla...» (ao dizer estas palavras lança o pião que vai apanhar as pernas de Cosme que entra seguido por Dorotea).

CENA VII

OS MESMOS, COSME e DOROTEA

COSME — Aí, que me escangalhou uma canela!

DOROTEA — Que fizestes tu, José?

JOSE' — (que foi depressa sentar-se na cadeira de Dorotea, começando a trabalhar na meia dela) Não fiz nada avósinha, não fiz nada! Eu não me mexi daqui.

COSME — (assentando-se, dorido da perna, junto da meza) E' melhor dar cabo de mim por uma vez, do que estar a matar-me pouco a pouco.

DOROTEA — Mas que fizeste tu ao sr. Cosme, rapaz de Deus ou do demonio?

JOSE' — Eu sei lá o que lhe fiz? Eu não podia advinhar que o «seu» Cosme vinha a entrar quando eu estava cá nas minhas brincadeiras!... Para que anda ele a atravessar-se no meu caminho? Ora, que é boa!...

COSME — Sim, sim; tu dizes bem... (emendando) Vocemecê diz bem... O culpado sou eu... (levantando-se) e a vítima é o «sr. José». Quem acaba de ficar com uma canela escalavrada? «O sr. José». Eu vou para casa esfregar a canela com alcool, e logo venho buscar a resposta, sra. Dorotea. Adeus, menina Emilia... (a coxear) Ora Deus queira que não vá ter aqui para peras.

JOSE' — Ponha-lhe sal e vinagre, que faz bem... E' receita do Zé Russo, ferrador... (ri ás gargalhadas).

COSME — (olhando, raivoso, para José ao mesmo tempo que se encaminha para o F.) Um dardo que te atravessasse, excomungado!... (sai F.)

CENA VIII

DOROTEA, EMILIA e JOSE'

DOROTEA — E ainda este descarado ri!... Mariola, que não faz senão dar-me desgostos... (choramingando) e que ha de ser a causa da minha morte.

JOSE' — (indo ter com Dorotea) Então avósinha!... Mau!... Se vocemecê chora, não temos nada feito (procura animar Dorotea).

DOROTEA — (repelindo José) Vá-se daqui; vá trabalhar...

JOSE' — Pois sim, senhora, mas ha de fazer as pazes comigo; faz?...

EMILIA — (intercedendo) Então avósinha?...

DOROTEA — Escusas de vir para cá fazer de procuradora porque perdes o teu tempo... Não quero nem ver-lhe a sombra, mandrião, vadio!

JOSE' — Pois, sim, senhora; serei tudo que vocemecê quizer, mas, não ha de estar zangada comigo. Repreenda-me, ralhe-me... É verdade: Chegue-me dois tabefes, talvez que isso a alivie. (apárte) As pancadas dela não fazem doer.

DOROTEA — E bem precisas, meu estraga albardas. Onde é que puzeste o teu bonet?

JOSE' — O meu bonet?... (depois de apalpar a cabeça) Dei-xei-o no mar. Talvez esteja, a estas horas, na cabeça dalgum golfinho.

DOROTEA — Um bonet ainda tão bom, que me tinha custado 440 réis!... Vá-se daqui para fóra!... Continue, continue assim e verá se não acaba numa prisão... ou na Costa da Africa. (vai sentar-se na sua cadeira).

JOSE' — (rindo) Então, hei de acabar numa prisão ou ir para os pretos, por ter perdido o bonet?!...

EMILIA — (sentando-se ao lado de Dorotea) Estava já muito usado, avósinha.

JOSE' — Mas, não se aflija vocemecê, avósinha; o que não falta são bonets... Quer vocemecê que eu lhe arranje uma duzia deles, enquanto o demonio esfrega um olho? A gente lá na imprensa não precisa ir ao chapeleiro para trazer a cabeça coberta. (pega num jornal e faz uma barretina) Quer vocemecê uma barretina, um chapéu de trez bicos, um barrete á grega, ou o que quer? E' pedir por boca. (pondo na cabeça a barretina que fez do jornal) Pronto. Aquí está um general a passar revista as tropas e as cornetas a focarem... (galopa pela casa simulando que anda a cavallo; com a mão esquerda finge segurar as redeas e com a direita tocar corneta) Tra, ta, ta, ta, ta, ta... Tra, ta, ta, ta, ta, ta, ta. (Dorotea e Emilia riem).

DOROTEA — (rindo) Não ha meio de estar zangada com este demonio.

JOSE' — Ah, vocemece já ri? Então vai pasasndo o mau tempo.

DOROTEA — Mas, anda cá, doidivanas, o que foste tu fazer ao Aterro? Porque te deitaste ao mar?

EMILIA — Enquanto a isso não lhe ralhe, avósinha. Ao contrario, deve elogiar-lo, porque salvou uma criança que, se não fosse ele, talvez tivesse morrido afogada.

DOROTEA — Ah sim?... salvaste uma criancinha?... Está bom, não digo nada; mas para que te molhaste tu?

JOSE' — Essa agora não me parece sua! Então vocemecê queria que eu me deitasse ao mar sem me molhar? Ora vá lá, façamos as pazes. (acariciando Dorotea) Ainda está mal com o seu Zé-zinho... que é muito amigo da sua avósinha, coitadinha? (abrachando Dorotea).

EMILIA — (áparte) Macaqueiro...

DOROTEA — Pois se não quer que eu esteja mal com você é preciso trabalhar e ser homem...

JOSE' — Sim senhora (assentando-se nos joelhos de Dorotea) Deixe a avósinha acabar esta semana, e verá, para a outra como eu tenho juízo. E' só mais um diasinho de pandega... e depois acabou-se tudo. Depois, hei de estar ali rente ao trabalho como um homem, vocemecê verá. Hei de deixar a perder de vista todos os outros... Ainda eu venho a ter uma oficina como o meu mestre!... E então, sim... então é que não ha de faltar nada á avósinha. (beijando Dorotea) Ela ha de ter o seu cafézinho com leite para o almoço, as suas fatiasinhas torradas, um potesinho de rapé todos os dias. Verá. Ha de ser uma rainha pequena a minha avósinha de quem eu sou muito amigo. (beija Dorotea repetidas vezes).

DOROTEA — (comovida) Não preciso tanto para ser feliz, meu filho! Tome-te o Senhor à sua divina conta, como todos os dias lhe peço, e nada mais quero. Olhem, meus filhos, nós não somos ricos; teu pai, um bravo soldado leal e honrado, a quem todos respeitavam, apenas lhes legou um nome sem mancha. Forçoso é, pois, conservá-lo, para quando Deus me chamar a si, eu poder dizer ao despedir-me dos meus queridos netos: «Ficai pobres, mas sois honrados como vosso pai».

EMILIA — (áparte) Oh! Meu Deus!

DOROTEA — (chorando) Meu pobre filho!...

JOSE' — Então avósinha? Aí está vocemecê a chorar para fazer mal aos olhos. Recolha essas lagrimas, ande. (enxugando as lagrimas, com um lenço, a Dorotea) Olhe, vê?... Lá fez vocemecê chorar a Mila...

EMILIA — (disfarçando) Que está tu a dizer, mentiroso? Eu não estou a chorar...

JOSE' — Ora vamos, ria um bocadinho, ande. Se não dá uma risadinha não vou para o trabalho.

DOROTEA — (rindo) Fazes de mim o que queres... (José beija-a e ela levanta-se) Ora está bom, vai para a oficina anda.

JOSE' — Sim senhora; o prometido é devido.

DOROTEA — Olha que eu hei de saber se me enganas.

JOSE' — Não senhora, não a engano. E ainda que encontre o Antonio da Amora ou o Massarico, passo-lhes o pé, e marcho direito para a imprensa, sem me importar com quem vai de caminho. A sua benção avósinha.

DOROTEA — (dando a mão a beijar a José) A benção de Deus te cubra.

JOSE' — Adeus, ó Mila. (dá um beijo em Emilia e sai F.).

CENA IX

DOROTEA e EMILIA

EMILIA — Que bom coração! E ainda o Cosme ha de dizer mal dele.

DOROTEA — Aí está tu contra o pobre homem! Ora porque

será que tu e José lhes são tão desafeiçoados?... Pois ele é bem nosso amigo, e ainda ha pouco me propoz um negócio muito vantajoso para ti.

EMILIA — Para mim?

DOROTEA — Sim, eu te digo o que foi: Esta manhã o banqueiro ali da esquina...

EMILIA — O Manuel dos Cordões?

DOROTEA — Esse mesmo. Chamou o Cosme e encarregou-o de me sondar se seria bem aceita a proposta da sua união contigo. (percebendo a perturbação de Emilia) Que tens tu?

EMILIA — Eu? nada.

DOROTEA — O Cosme, então, veio logo consultar a minha opinião a esse respeito .Eu disse-lhe que aceitavamos da melhor boa vontade a proposta.

EMILIA — Pois fez mal, avósinha. Por coisa alguma deste mundo casaria com o tal Manuel.

DOROTEA — Que dizes tu, Emilia? Lembra-te que é uma pessoa seria e muito rica...

EMILIA — Será, mas não o amo.

DOROTEA — Isso não importa, tu virás a ama-lo. Olha que nem sempre são felizes os casamentos por amor. Depois, pensa que podes fazer tambem a felicidade de teu irmão... Eu não hei de viver sempre e vocês precisam ficar amparados. Então? não chores, minha filha...

EMILIA — (lançando-se, a chorar nos braços de Dorotea) Oh, minha avó, esse casamento é impossível.

DOROTEA — Impossível?! Porque? Amas alguém? Vamos lá, fala... Não tenhas receio de me contar os teus segredos. Quem é? Tu baixas os olhos... Será, por acaso... Sim, deve ser isso. E' o Eduardo, não?

EMILIA — Eu não disse que era ele.

DOROTEA — Mas adivinhei-o eu; a sua constante permanencia em nossa casa, o seu viver misterioso e equivoco. E ainda agora me disse o Cosme que já por aí se falava a teu respeito e dele... E' preciso acabarmos com isso; ou ele se declara ou não torna a pôr aqui os pés.

EMILIA — Não creia no que lhe diz o Cosme, avósinha. O Cosme tem raiva a todos os rapazes, a começar pelo José.

CENA X

OS MESMOS e COSME

COSME (entrando) E' cedo para a resposta, vizinha Dorotea?

DOROTEA — Não; veio a proposito. Acompanhe-me lá dentro... Temos que falar, (sai D. A.).

COSME — (a Emilia) Vamos tratar do seu futuro (segue Dorotea).

EMILIA — Obrigada.

CENA XI

EMILIA e JOSE'

JOSE' — (á porta do F.) Pst... Estás só, Mila?

EMILIA — Estou. (José desce) Não foste para a oficina?!

JOSE' — Andei a tratar de negocios... A avósinha está lá dentro?

EMILIA — Está com o Cosme.

JOSE' — (á parte) Que segredinhos serão estes com o Cosme! Eu o saberei. (alto) Mas, agora que estamos sós, ouve lá: Já sei quem é o melro.

EMILIA — Qual melro.

JOSE' — O «seu» Eduardo.

EMILIA — Ah, sabes?

JOSE' — Tudo; quem ele é, onde mora, quem é o pai e como se chama; sei tudo!... Bem te dizia eu; aquilo é má rez, e é preciso prevenir a avósinha, porque um homem que se disfarça para se introduzir em casa de gente honesta, não pode ser boa peça.

EMILIA — (preocupada) Mas, que sabes tu, José?

JOSE' — Sei tudo. Disse-m'o o creado que encontrei com o trem parado, ao cimo da rua, a espera do... (arrastando as palavras) «seu Eduardo».

EMILIA — Talvez te enganassem...

JOSE' — Qual enganaram! Sei que é filho dum general, que tem uma tia fidalga que é doída por ele, que é muito gastador, que anda sempre na folia em bailes e pandegas... e que tem grande arte para seduzir mulheres. (vendo Emilia que mal pode suste-se e se apoia á mesa) Então que é isso? Que tens?! (a Emilia, que cai, asentada na cadeira, a chorar) Tu choras?!... Mila que é isso?!

EMILIA — (escondendo o rosto entre as mãos) Estou perdida, José!...

JOSE' — (palido e imovel) An? O quê?... Perdida... tu... tu... minha irmã?...

EMILIA — Eu, sim José!

JOSE' — Tu... (chora com desespero) Oh! cala-te, cala-te!... Se a avósinha o vem a saber, morre de desgosto... Ela aí vem... (a Emilia) Enxuga os olhos e disfarça (fica um pouco oculto por Emilia).

CENA XII

OS MESMOS, DOROTEA e COSME

DOROTEA — (entrando e falando para Cosme) O visinho percebeu?

COSME — Perfeitamente.

DOROTEA — Se as intenções dele são boas que venha pedi-la em casamento. Do contrário que deixe de visitar-nos, porque eu

não quero que minha neta ande na boca do mundo! (para Emilia) E não te amofines, minha filha; tu choraste?...

EMILIA — Eu?!...

DOROTEA — (vendo José) Tu aqui José?!... Não foste para a oficina?!

JOSE' — Andei a tratar dum negociosito... Demais, esta semana ainda é por minha conta. Para a semana, fale, então a avósinha se tiver motivo para queixa...

DOROTEA — Para a semana ha de ser o mesmo que esta... (reparando em Emilia) A tua irmã esteve a chorar, José?

JOSE' — Eu não sei, avósinha. Eu cá, não a vi. (procurando dominar a comoção e querendo parecer alegre) Ha bocadinho esteve ela a rir comigo. Não é verdade, ó Mila?... (baixo e rápido a Emilia) Ri, ri. (alto) Olhe lá está ela a rir-se Ah! Ah! Ah! (áparte, rompendo, disfarçadamente, em choro) O que a gente está é a chorar!

DOROTEA — (desconfiada) Aqui há o quer que seja.

JOSE' — (rápido) Isso é que não ha.

DOROTEA — E' por eu encarregar o sr. Cosme de se entender claramente com o visinho Eduardo? (para José, repreensiva) A ti é que este encargo pertencia, porque foi a ti que teu pobre pai recomendou que velasses por tua irmã. Mas, fossem lá confiar casos destes a um garoto como tu és!

JOSE' — (comovendo-se gradualmente) E' verdade, avósinha, vocemecê tem razão!... Ralhe, ralhe. Tudo é pouco. Eu não passo de um gaiato, sem vergonha, de um mau neto e de um mau irmão. E' verdade, avósinha, é. Quando meu pai, já moribundo, nos chamou junto do seu leito, éramos ainda muito pequenos, mas eu lembro-me que chorei muito nesse dia, e a Mila e a avósinha também. Chamou-nos e disse para mim, apertando-me as mãozitas: — José, meu filho, eu vou morrer... promete-me que mais tarde, quando fores homem, has de velar por tua irmã, e defende-la de todos os perigos. Não te deixo por herança senão um nome honrado e uma vida sem mancha. Jura-me que has de conservar estes dois legados e... Não pode acabar!... A voz morreu-lhe na garganta!... Apertou-me a mão com força, deu um beijo na Mila, e morreu com os olhos na avósinha, assim como quem queria dizer: «Lance-me a sua benção, minha mãe».

DOROTEA — (enxugando os olhos) — Não estejas a afligir-me com essas recordações, José. Olha tua irmã como está lavada em lágrimas. Até o sr. Cosme não pode resistir...

JOSE' — (simulando alegria) Pois está bem, o que lá vai, lá vai... Tenho-me esquecido até agora das recomendações de meu querido pai, mas ainda estou a tempo de emendar a mão. Deixe estar, avósinha... não se aflija vocemecê. Aquele José garoto, que atirava tijolos ás costas do sr. Cosme, que lhe chamava Manhoso, papa-cêra e homem de saias, esse já não existe!... Morreu no primeiro instante em que se recordou das recomendações de seu pai moribundo!... O que ficou em lugar dele ha-de saber ser bom irmão e bom neto... Deixe estar avósinha, não se aflija vocemecê.

(dirijindo-se a Emilia) Vamos, Mila, não chores. (beija Emilia repetidas vezes) Deus é pae de todos... e eu... eu sou teu irmão (depois destas ultimas frases que são cortadas pelas lagrimas, sai precipitadamente pelo F.).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Sala ricamente mobiliada. Portas ao F. e lateraes

CENA I

BARONEZA, GENERAL, depois MANUEL

GENERAL — (entrando a questionar com a Baroneza) A senhora está louca.

BARONEZA — E o General cada vez mais impertinente e rabujento.

GENERAL — (sentando-se no sofá) Porque lhe digo as verdades, não é isso?

BARONEZA — (sentando-se junto da mesa) Porque se diverte em contrariar-me desde pela manhã até à noite.

GENERAL — Se eu não tenho outras distrações...

BARONEZA — (com enfado) Pois recorte bonecos de papel, faça pombinhas e botezinhos...

GENERAL — A senhora e a minha gota são os unicos divertimentos que me restam. Quer a senhora a minha gota, quer?

BARONEZA — Agradeço-lhe o presente. Mas, diga o que quiser... eu sempre vou escrever ao médico para que venha vêr o Carlinhos.

GENERAL — Teimosa!

BARONEZA — Rabujento!

GENERAL — Pois a senhora não consdiera que é ridiculo chamar o médico por causa dum defluxo!

BARONEZA — (vae escrever) E se o não fôr?

GENERAL — E', é. Dê-lhe aconito e verá como se põe bom.

BARONEZA — Tenho visto começar assim muita doença grave.

GENERAL — E' escusado insistir.

BARONEZA — E é...

GENERAL — Com a senhora não se tira partido. Pois escreva, escreva e deixe-me sossegado. Seu marido é que dizia bem.

BARONEZA — Então que dizia ele?

GENERAL — Dizia... Olhe, mana, evitemos questões.

MANUEL — (entrando da D. A.) Vossa excelencia dá licença?

GENERAL — O que queres?

MANUEL — Venho saber se vossa excelencia almoça em casa?

GENERAL — (procurando dominar os impetos do seu gênio)

Esta gente apostou fazer-me perder a paciencia... e eu abandono

a casa e vou meter-me no hospital da Estrela!... Pois tu não vês que há mais de quarenta dias estou aqui preso pela maldita gota, que nem à cama me deixa ir...

BARONEZA — (rindo) Por isso as discussões têm corrido menos tormentosas.

GENERAL — (num acesso de colera vai para responder à Baroneza, mas disfarça tossindo e dando voltas à almofada do sofá) Hum... Hum...

MANUEL — E o que há de vossa excelencia querer para almoçar?

GENERAL — Chocolate, chocolate e chocolate. Sempre chocolate... Há seis semanas que os doutores não me permitem outra variante. E venham cá falar-me nos progressos da medicina. São frescos!... Desde que ela me entrou em casa nunca mais logrei saúde. A proposito: Que bulha foi aquela que eu ouvi ontem à noite, quando estava para me deitar?

MANUEL — Foi um garotito que pretendia falar a vossa excelencia.

GENERAL — A mim?

MANUEL — E por mais que lhe dissessemos que vossa excelencia estava deitado, a nada atendia. Queria entrar à força! Parecia que tinha o demonio no corpo! Engalfinhou-se no guarda-portão, quebrou três vidros, e se não sente a patrulha, a aproximar-se, o que o fez fugir, não sei como a coisa acabaria.

GENERAL — Com que então quebrou três vidros?

BARONEZA — Que audacia!... E' necessario dar parte à policia para o mandar prender...

GENERAL — (para Manuel) O que é necessario é ir já chamar um vidraceiro para substituir os vidros quebrados.

CENA II

GENERAL, BARONEZA e EDUARDO

EDUARDO — (entrando) Bom dia, meu pai, como passou a noite?

GENERAL — Mal, e tu?

EDUARDO — Perfeitamente.

GENERAL — Faça idéia. Deitaste-te de madrugada... E' preciso, senhor, acabar com essas noitadas.

BARONEZA — Egoista! Como não pode fazer outro tanto...

EDUARDO — (dando pela Baroneza) Oh, minha boa tia... Já de pé?

BARONEZA — (levantando-se) Levantei-me mais cedo por causa do Carlinhos, que passou muito mal a noite. Agora mesmo vou mandar chamar o médico. Não saias sem me falar, ouviste?

EDUARDO — Sim, minha tia.

BARONEZA — Precisamos conversar a respeito daquele negocio que tu sabes.

GENERAL — (motejando) De mais a mais saiu-se casamenteira. Não lhe falta nenhum requisito...

BARONEZA — (por detraz do General, apoiando-se às costas do sofá) De quê, rabujento?

GENERAL — Das velhas.

BARONEZA — (estimulada) Incivil! (sai E. A.)

CENA III

EDUARDO, GENERAL e MANUEL

MANUEL — (da D. A., a Eduardo) Vossa excelencia tambem almoça em casa?

EDUARDO — Não; salvo se meu pai determinar o contrario.

GENERAL — Eu, sim! Não quero condenar-te ao maldito chocolate. Tomara eu vêr-me livre dele. (Manuel sai F.) Depois, sinceramente, a minha companhia não te pode divertir muito. Na tua idade preferem-se as companhias alegres e ruidosas, conversas a respeito de mulheres e de cavalos. E' natural... Oxalá que essas companhias não te façam adquirir habitos de ociosidade.

CENA IV

GENERAL e EDUARDO

EDUARDO — Isso poderia acontecer se eu não fizesse outra coisa senão andar em divertimentos...

GENERAL — Que eu saiba, pouco mais fazes. Teatro, clube, gremio, passeios... eis a tua vida. (Eduardo que se assenta numa cadeira ao lado dele) Entretanto tenho saudades dos meus tempos. Mas, vamos lá a saber: Quando casar?

EDUARDO — Ainda não sei, a tia é que trata desse negocio.

GENERAL — Não podes ter melhor procurador. Tua tia, apesar de todos os seus defeitos de gênio, e da sua mania aristocratica, é deveras tua amiga, e o casamento que projeta é uma prova disso. Uma menina rica, nobre...

EDUARDO — Mas eu estou ainda muito novo para casar... Depois, meu pai, tenho uma certas idéias.

GENERAL — Idéias, tu?!... Isso é curioso!...

EDUARDO — Não me parece que se possa ser feliz no casamento, quando se não ama a mulher que nos destinam.

GENERAL — Isso pensas tu, porque te preocupa a idéia de perderes a liberdade, e de tomares encargos respeitaveis e sérios. Mas enfim, esse casamento é do meu gosto, e, podendo fazer-se, há de fazer-se. Eu não me tenho querido meter nisso por certos melindres politicos, mas dei carta branca a tua tia e ela que faça o que entender.

EDUARDO — Enfim, se é da sua vontade.

GENERAL — O que é da minha vontade é que o teu futuro fique bem garantido, antes de lá de cima me darem baixa ao cemiterio. Quando fôres casado tu mudarás de vida e de relações, e digo, relações, porque há meses ouvi em casa das Paivas uma conversa a teu respeito, que me deixou preocupado. Eram amigos teus, e ami-

gós íntimos, segundo me pareceram, e um deles dizia: «O Eduardo já não bebe nem joga, parece que anda apaixonado. E mal sabem vocês por quem? — acudiu outro — por uma rapariga costureira!... E' o seu genero... Tem a bossa da costura; o sestro do dedal e da agulha!

EDUARDO — Pois, acreditou, meu pai?!...

GENERAL — Por que não? Tudo isso é proprio da idade. Não se tem impunemente vinte anos. (tomando amigavelmente as mãos de Eduardo) Sê tu capaz, mas sê honrado. (com colera) e desgraçado de ti se o não fôres. (socegando) E deixa-te de amores passageiros e facéis, ainda que não seja senão por favor a mim, que preciso ter uma nora e dois netinhos de cabelos louros... (num acesso de ira) Porque eu quero que eles sejam louros, ouviste... (sereando) com quem possa ralhar e enfadar-me. (levantando-se e apoiando-se à muleta) E olha que hão de ser só doís, um casal. Se vier mais algum não consinto que esse me chame avô.

EDUARDO — (afetuosamente) Meu bom pai!

GENERAL — Está bom, vai lá ter com tua tia, enquanto eu vou ao meu quarto. (sai D. B., acompanhado, até à porta, por Eduardo).

CENA V

EDUARDO depois MANUEL

EDUARDO — Esta situação é insustentavel. Pobre Emilia!... Que hei-de eu fazer? Punge-me os remorsos de a haver enganado. E' preciso sair disto, seja como fôr. (a Manuel que entra trazendo o chocolate) A sr.^a Baroneza está nos seus aposentos?.

MANUEL — Sim, senhor. (depois de colocar a bandeja sobre a mesa e esta proxima do General, vai a sair quando ouve motim dentro) Que teremos? (encaminha-se para a porta do F.).

CENA VI

MANUEL, JOSE' depois o GENERAL

JOSE' — (dentro, cojuo se alguém lhe quisesse embargar o passo) Arreda! Se se fazem finos vêem um calor comigo! (à porta do F.) Então, hein! Pensavam que me metiam medo?

MANUEL — O que quer você aqui?

JOSE' — Você?... (entrando e ironico) Pois saiba vossa senhoria que alguma coisa quero, aliás não vinha cá.

MANUEL — Aqui não tem nada que fazer. Rua, senão...

JOSE' — Então, excelentissimo senhor, mais delicadeza... menos arrogancia...

MANUEL — Sae já, garoto.

JOSE' — (sentando-se) Agora não estou disposto a obedecer a vossa excellencia.

MANUEL — (ameaça José) Ah, tu queres função?

JOSE' — (ameaça Manuel com o serviço que está sobre a mesa) Alto aí. Se não se contem na ordem vai tudo isto parar-lhe à cabeça.

GENERAL — (entrando) Que bulha é esta aqui?

MANUEL — E' o garoto que ontem partiu os vidros, sr. General.

JOSE' — (áparte) O General! (tirando o chapéu meio respeitoso) Oh, com os demonios!...

GENERAL — Então tu, brejeiro, vens dar batalha em minha casa?

JOSE' — (com a voz tremula) Queira perdoar, sr. General; eu como não sabia que cá em casa era costume mandar pôr na rua as pessoas que vêm pedir justiça...

MANUEL — Já se lhe disse...

GENERAL — (para Manuel) Leva de rumor... (para José) Justiça contra quem e a quem?

JOSE' — Contra o «seu» Eduardo...

MANUEL — (interrompendo José) Mas, esse sr. Eduardo...

JOSE' — (interrompendo Manuel no mesmo tom do General) Leva de rumor!... Não ouviu o que disse o «seu» General?... (ao General) E' de seu filho, o «seu» Eduardo, que se trata...

GENERAL — (a Manuel) Deixa-nos.

MANUEL — (indicando ao General o chocolate) O chocolate está aí.

GENERAL — Está bom; já vou tomá-lo.

JOSE' — (áparte) Por esta é que eu não esperava. A presença do General deixou-me atrapalhado.

CENA VII

GENERAL e JOSE'

GENERAL — (observando José) Então de que acusas meu filho: diz lá?

JOSE' — (dando reviravoltas ao chapéu) Mas, é que a conversa é com o «seu» Eduardo...

GENERAL — O sr. Eduardo não está cá, mas estou eu, que sou seu pai.

JOSE' — (como acima) Sim, senhor; não digo que não... e até sinto muito que o seja...

GENERAL — Que queres tu dizer com isso? Vamos explica-te.

JOSE' — Uma vez que o «seu» General manda... Verdade é que eu antes queria entender-me com o Eduardo... (emendando) Com o «seu» Eduardo.

GENERAL — (impaciente) Não me faças perder a paciência. Ou dizes o que queres ou vae-te embora...

JOSE' — Uma vez que o «seu» General quer que fale... então com sua licença, lá vai o caso: (o General senta-se a tomar o chocolate) Saberá o «seu» General que eu estou na companhia da minha avó e da minha irmã, uma pobre rapariga muito habilidosa e trabalhadora, que é quem nos ajuda a viver com o seu trabalho de costura. A gente, todos três, somos pessoas honradas e capazes... quero

dizer, eu cá por mim, ainda ontem era um garoto sem vergonha, mas hoje...

GENERAL — Sim, ontem vieste partir-me os vidros e hoje vens contar-me histórias da Carochinha.

JOSE' — Lá pelo que respeita aos vidros... é negocio com o vidraceiro; dois tostõesitos por cada um... e está feita a festa.

GENERAL — Mais nada?

JOSE' — Só se o «seu» General lhe quiser dar para um café...

GENERAL — (severo) Está bom. Nada de graçolas. Que especie de relações tens tu com o meu filho? Deve-te algum dinheiro?

JOSE' — Antes fôra isso, porque então não teria ele ido morar para o pé da minha porta...

GENERAL — Como?

JOSE' — (animando-se e familiarizando-se com o General) E' tal qual... Veja o «seu» General se isto não é mesmo para um homem se deitar a perder. Aluga uma casa ao lado da nossa, dizendo que era operario, um pobre artista pintor que vivia do seu trabalho; e a avózinha que o via com uns ares muito sérios e honradinhos, entrou a simpatizar com ele... (o General sufoca-se com o chocolate) Daí, entre vizinhos, se não é uma vez é outra, lá se encontra a gente na escada, lá dá os bons dias ou as boas noites. Hoje, pede uma gota de agua; amanhã, um fosforo... Para encurtar razões, tais cantigas armou a boa da minha avózinha, que se nos meteu em casa... e agora o verás... Falso!... E era eu amigo daquele ingrato?... Porque o era «seu» General... estimava-o tanto... (o General deixa de beber o chocolate e volta-se para José parecendo ouvi-lo com atenção) que até o tratava por tu, veja vocemece. E vai ele... o pago que nos dá, é entrar de namoro com minha irmã... Tenha paciencia, «seu» General, mas o seu filho... o seu filho é um falso amigo... um... sim... (o choro embarga-lhe a voz).

GENERAL — (levantando-se) Ora, vamos lá, assenta-te aí, e tem coragem. Que bons sentimentos de rapaz!...

JOSE' — (enxugando os olhos) Pois aí é que bate o ponto, entende vocemece? Se não fossem os sentimentos não me importava da minha irmã, nem da avózinha, que se chega a saber desta vergonha é capaz de estourar de desgosto.

GENERAL — Anda lá, continua... (áparte) Estou receiando adivinhar o resto.

JOSE' — Já disse tudo. Seu filho meteu-se-nos em casa para roubar a honra da minha irmã. (chora).

GENERAL — (cruzando os braços e encarando José) Isso já eu estava a prevêr! Mas, que queres tu agora que eu faça?

JOSE' — E que quer o «seu» General que faça a minha irmã?

GENERAL — Tua irmã, tua irmã... Não sei, homem; não sei. Foi uma desgraça, uma fatalidade; compreendo a sua aflição e a tua... Mas, afinal, por que acreditou ela nas palavras e nos protestos desse doido?

JOSE' — Por quê?! Essa pergunta não me parece sua! Eu cá, e mais sou um gaiato da rua, não era capaz de a fazer. Por quê? Porque seu filho mentiu como um vilão! Porque ele não lhe disse:

Sou Eduardo de tal, filho de um homem rico, sou nobre e poderoso; mas disse-se operário, um artista, um igual, que a amava, e que prometia e jurava ser seu esposo. Porque o jurou, «seu» General. Depois, parecia ser tão infeliz, viver tão acabrunhado e desgostoso. Todos, lá em casa, eramos amigos dele. Mal sabia a gente que o velho ocultava o seu verdadeiro nome e posição para nos desonrar e perder!... E pergunta-me vocemecê, seu pai, um General, um valente, porque para se chegar a essa posição deve-se ser homem às direitas, «o que queres tu, agora, que eu faça?!»

GENERAL — E torno a repetir: O que queres tu que eu faça? Anda, ensina-me; ficar-te-ei grato pela lição.

JOSE' — Então, eu, um pequeno, é que hei-de dar lições a um homem da sua idade, a um militar como vocemecê?!

GENERAL — E por que não? Vamos lá a saber: O que farias tu no meu lugar? (senta-se).

JOSE' — Que faria? Chamava meu filho e dizia-lhe: Você é um tratante que anda a enganar gente honrada e que abusou, como um indigno que é, da credulidade de uma infeliz rapariga de dezoito anos, persuadindo-a de que era um pobre artista que morria de amores por ela. Pois para seu castigo há de levar imediatamente à igreja a pobre rapariga que enganou! Af está o que eu faria se fosse pai do «seu» Eduardo. (interrompendo o General que vai para falar) E olhe que se falo assim não é com o fito no dinheiro e nas honrarias de seu filho. Seja ele pobre, mas honrado. Minha irmã não quer maior fortuna que ser mulher de um homem de bem. Agora pode falar.

GENERAL — Tudo isso é muito bom de dizer, meu rapaz; admiro a tua franqueza e o teu desinteresse... mas casar... casar... (levanta-se).

JOSE' — (amolando o caso) Então, que tem casar? O «seu» General também casou, penso eu, e está vivo.

GENERAL — E' verdade... mas as circunstancias eram outras. Enfim, eu tudo acho exequível e praticável... menos o casamento. O casamento parece-me difícil, se não impossível.

JOSE' — (meio descorçoado) Impossível!... Ora, e eu aqui a perder tempo! Mas, então onde está ele? (procurando com a vista) Porque não era a vocemecê que eu procurava... era a elê!... «Impossível!»... E eu a cuidar que estava falando com um homem de bem.

GENERAL — (levanta a moleta como para castigar José mas refletindo, abaixa-a) Vai-te para o inferno!... Que tal está o garoto, hein?!... (torna a sentar-se).

JOSE' — (com ira crescente) «Impossível!»... Sempre quero vêr se ele é capaz de mo dizer na cara!... Se mo disser, não há-de torná-lo a repetir, essa lhe juro eu!... Então, pensava que não era mais senão dizer: «Tem paciência, rapaz; no melhor pano cai a nódoa. Se tua irmã fosse af, que sei eu, fidalga ou pouco menos, alguma volta se lhe havia de dar.» O «seu» General cuida que a gente do povo é filha das ervas?... Mas, chame lá o seu filho, chame-o, que eu sempre quero vêr se ele é capaz de dizer diante de mim que não pode casar com a minha irmã!...

GENERAL — Está bom, sossega. (áparte) O rapaz, afinal, tem razão.

CENA VIII

OS MESMOS e a BARONEZA

BARONEZA — (entrando da D. A. e falando para dentro) Digam ao sr. Eduardo que estou aqui.

JOSE' — (estremecendo) Eduardo! (quer correr para a porta).

GENERAL — (detendo José) Espera.

BARONEZA — Com que então, dizia o General que o meu Carlos não tinha nada?... Pois quer saber o que lhe aconteceu? Andando ontem a passear no Aterro, a criada largou-o por momentos da mão, e a pobre criança caiu ao mar.

JOSE' — (prestando atenção) Que diz ela?!

GENERAL — Ora essa!...

BARONEZA — E se não fôra um garoto que por ali andava e se lançou à água...

GENERAL — Sirva-lhe isso de lição para não confiar seu filho aos cuidados de gente mercenaria. Mas, chega muito a proposito, e uma vez que é tão afeiçoado a seu sobrinho, venha ouvir proezas dele, que o honram.

JOSE' — (áparte) — E' a tal tia de que me falaram. Não lhe engrão com o frontespício.

BARONEZA — Também eu tenho a dar-lhe uma boa nova...

GENERAL — E que me importam as suas boas novas. (levantando-se) Sabe o que fez o seu discípulo? Porque a Baroneza foi sua mestra, e contra a senhora é que eu devia conspirar-me, porque mo estragou com mimos e vontadinhas. Quer saber o que ele fez, o que ele faz? Disfarça-se de operário e anda a correr becos e travessas, para levar a desonra e a vergonha a casa de familias honradas...

BARONEZA — Seriamente?!

GENERAL — Pergunte-o a esse rapaz.

BARONEZA — Ora não há! E o sonso do Eduardo a esconder de mim os seus amores de contrabando. Maganão... (rindo ligeiramente) Ah! Ah!... Tem realmente muita graça?

JOSE' — (áparte) De que demonio rirá esta baroneza?...

GENERAL — (à baroneza) Cale-se. Repare que está a ouvi-la essa criança, irmã de uma das victimas de seu sobrinho.

BARONEZA — Pois bem. Mas o que quer ele? O que pede?

GENERAL — O que pede? Pede a reparação pelo casamento... Aí está o que ele pede.

BARONEZA — Pelo casamento?!... Percebo a esperteza...

GENERAL — (apertando com força a mão da Baroneza) Cale-se senhora!... Poupe ao menos o irmão da desgraçada...

JOSE' — (que mal pode conter-se) Deixe lá, General, deixe falar e rir essa senhora. Tem dentes tão bonitos que era uma pena que os não mostrasse.

BARONEZA — Que diz este atrevido?

JOSE' — Não se inflame, sr.^a Baroneza; escusa de se pôr nos

biquinhos dos pés, porque não fica mais alta do que já é.

BARONEZA — Insolente!

JOSE' — Digo-lhe isto.

GENERAL — (a José) Silêncio, (à Baroneza) Desculpe-o.

JOSE' — Deixe-me falar, General; deixe-me falar senão arre-bento! A sr.^a Baroneza tem razão. O caso é para rir e para rir muito. (com lagrimas na voz) Então por que não há de divertir-se o sr. seu sobrinho? Essa é boa... à vontade, meu fidalgo!... Que importa lá que sacrifique o repouso e a honra de uma família inteira, e que para o sobrinho da senhora se divertir, fique a chorar uma pobre rapariga? Então que tem isso? Ria, sr.^a Baroneza... riam todos... Mas aposto que a sr.^a Baroneza não teria tanta vontade de rir se ontem, seu filho, tivesse morrido afogado? Havia de ele cair outra vez ao mar que não seria eu que tornaria a deitar-me à água para lhe salvar o bebê.

BARONEZA — (impressionada) Que diz ele?

GENERAL — Pois foste tu que o salvaste, meu rapaz?

JOSE' — E' verdade que fui, e então que admira isso?

BARONEZA — Se foste, crê que o meu reconhecimento não terá limites. Descansa pois meu amiguinho; o teu futuro e o de tua irmã ficam a meu cargo; e tanto eu como o General havemos de empregar todos os meios possíveis para reparar o mal. (indo a José e metendo-lhe na mão uma bolsa com dinheiro) Entretanto toma lá para ti e para tua irmã, e se ela tiver juízo, se deixar absolutamente de ver meu sobrinho, nem eu nem o General deixaremos de a recom-pensar com a maior generosidade.

JOSE' — Mas, o que é isto, sr.^a Baroneza? (olhando alternati-vamente ora para a bolsa, ora para a Baroneza, ora para o General) Que significa isto?!... Dinheiro para mim e para minha irmã? (ati-rando com a bolsa para cima da mesa) a sr.^a Baroneza enganou-se na direção do sobrescrito! Não mora aqui esse sujeito... Essa pes-soa, a tal para quem isso era nunca morou aqui.

GENERAL — (à Baroneza) A senhora não faz senão dispa-rates. (à José) Tens razão, meu rapaz, pensas muito bem. Deixa estar que a sr.^a Baroneza há de ir falar a tua irmã.

JOSE' — Isso agora...

GENERAL — Estás satisfeito?

JOSE' — Não quero ser exigente demais. Entretanto, mais sa-tisfeito ficaria se o «seu» General fosse antes falar-lhe.

GENERAL — Pudesse eu e não me faria rogado; mas não pos-so, rapaz; a maldita gota não me deixa ser senhor de mim. A não ser isso, eu proprio iria ter com tua irmã, e se ela fosse uma rapari-ga de bom porte, se valesse tanto como tu...

JOSE' — Lá por esse lado esteja descansado que vale muito mais.

GENERAL — Nesse caso deixa estar, que talvez haja meio de conciliar tudo... (áparte) exceto casar com meu filho.

BARONEZA — (baixo ao General) Deixe o caso por minha conta, irei falar-lhe...

(José enquanto a Baroneza e o General falam baixo, como fe-rido por uma idéia subita, sai precipitadamente).

CENA IX

GENERAL e a BARONEZA

GENERAL — (vendo sair José) Lá se vai ele embora sem me deixar o nome e a morada.

BARONEZA — Esta gentinha do povo tem às vezes escrupulos ridiculos. Como ele se ofendeu por lhe oferecer dinheiro.

GENERAL — E teve ele muita razão. A senhora julga que todos os deveres e compromissos ficam saldados dizendo: Toma lá meia duzia de mil réis? Pois engana-se. E a prova aí está. Veja como ele rejeitou, nobremente o dinheiro com que pretendia adoçar-lhe a boca. Que honrados sentimentos de rapaz! Chegou a comover-me, o velhaquete... E que coragem! que energia!...

BARONEZA — Terá tudo isso, mas é muito mal criado.

GENERAL — Sê-lo-á, mas no entanto deu-lhe uma lição severa.

BARONEZA — Só me faltava que o General tomasse o partido dele.

GENERAL — E fazia eu muito bem, porque tomava o partido dos fracos.

BARONEZA — Se lhe parece consinta no casamento de seu filho com a irmã.

GENERAL — E sabe por que o não faço? Porque não quero punir-me das faltas de seu sobrinho.

BARONEZA — Ainda bem que pensa desse modo.

GENERAL — Entretanto, quem me dera que meu filho e seu discípulo, medisse os seus sentimentos pelos desse rapaz.

BARONEZA — Não diga babozeiras.

GENERAL — E' assim mesmo.

BARONEZA — Não se faça povinho.

GENERAL — (impaciente) Povinho... povinho... Como a senhora fala do povinho. Mas, então que sou eu? Donde saí eu e seu marido senão do povo?

BARONEZA — General!...

GENERAL — Que era meu pai senão um honrado carpinteiro de carros em Vila Boim? Pensa que me envergonho da humildade do meu nascimento? Engana-se! Quem, partindo de tão baixo, conseguiu como eu e seu marido, chegar, pelo caminho da honra, aos mais altos postos do exercito, não se peja nem se vexa de considerar-se filho do povo... Creio que nunca veio à cabeça de seu pai, simples almocreve em Elvas, que estava a criar uma filha para vir a ser baroneza?

BARONEZA — Mas, General, lembre-se que meu marido...

GENERAL — Seu marido era irmão e filho do mesmo pai e da mesma mãe.

BARONEZA — Bem, deixemo-nos dessas conversas... O que o General não pode negar é que o Eduardo é...

GENERAL — (sentando-se) Um patife, e se eu o apanhasse agora ao alcance da minha bengala... (brande a bengala).

CENA X

OS MESMOS e EDUARDO, depois MANUEL

EDUARDO — (entrando) Quer falar-me, minha tia?

GENERAL — Ainda bem que chegou.

BARONEZA — (indo ao encontro de Eduardo como que para o impedir de entrar) Vai-te embora, Eduardo, não entres...

GENERAL — (com força) Fique, senhor. (põe de parte a bengala).

BARONEZA — (a Eduardo) Está furioso contra ti; não o irrites mais. (passa à direita do General).

EDUARDO — (submisso) Quer alguma coisa, meu pai?

GENERAL — (dominando a sua natural irrascibilidade) O senhor desonrou o meu e o seu nome.

EDUARDO — (meio altivo, meio respeitoso) Meu pai!

GENERAL — (energico) Escute! O senhor introduziu-se em casa de uma familia pobre, mas honesta, segundo creio...

EDUARDO — Pois sabe?...

GENERAL — (com mais força) Escute!... Para a cobrir de ignominia e oprobrio, abusando, infamemente, da credulidade de uma rapariga indefesa...

BARONEZA — Ora... rapaziadas...

GENERAL — Eu não falo com a senhora. (para Eduardo) E' isto verdade?

EDUARDO — E' verdade, confesso. Amava essa menina, para a qual o meu coração irresistivelmente me atraía. Cometi uma falta que eu quisera expiar à custa do meu próprio sangue.

GENERAL — Essa falta é um crime!... Sei distinguir o que a idade permite e a paixão desculpa; mas quando se pratica uma traição, quando se comete uma cobardia...

EDUARDO — Sou culpado, reconheço; mas Deus é testemunha de que por mais de uma vez desejei lançar-me a seus pés, confessar-lhe a minha falta, pedir-lhe que me consentisse repará-la... Mas, tem a sua colera...

GENERAL — E fez bem! O nome que usa impõe-lhe deveres...

BARONEZA — Certamente. Deveres muito sérios...

GENERAL — (com aspereza) Eu não falo com a senhora. (a Eduardo) Deveres... de que melhor fôra que se tivesse lembrado antes de sacrificar o futuro dessa pobre rapariga... Mas, que vale para o senhor a honra de uma mulher?... Que importa que para matar o tempo, para distrair a sua ociosidade, tenha de fazer uma e muitas victimas?... Foi à saída de alguma orgia que tal idéia lhe ocorreu?

EDUARDO — Cuido que o meu procedimento...

GENERAL — O seu procedimento é infame!...

BARONEZA — General...

GENERAL — (fôra de si) Eu não falo com a senhora, já lhe disse. (para Eduardo) Em que qualidade se apresentou o sr. nessa casa? Disse, porventura, a essa pobre gente: «Sou um rapaz da primeira sociedade, herdeiro duma grande casa, que ando a gastar

o meu tempo em orgias e bacanaes, porque meu pai teve a loucura de se crivar de feridas para me legar nome e fortuna? Não o disse, porque lhe teriam fechado a porta! E para que isso não acontecesse, inculcou-se artista, disse-lhe que era muito pobre, prometeu-lhe casamento...

EDUARDO — Perdão, meu pai!...

GENERAL — E fala-me do seu procedimento? O senhor não é só covarde, é um devasso, um libertino, um infame!...

EDUARDO — (altivo) Senhor!...

GENERAL — (com força, despedindo Eduardo com o gesto, ao mesmo tempo que leva a mão à bengala) Saia senhor para sempre, da minha vista!

EDUARDO — Obedeço, meu pai. (curva-se respeitoso e sae E. A.).

CENA XI

BARONEZA e GENERAL

BARONEZA — O mano é um tigre.

GENERAL — Eu não falo com a senhora. (atira com sigo para o fauteuil).

BARONEZA — Ora vamos. Saiba ser pai. Perdõe a seu filho.

GENERAL — Nunca... se a senhora se meter nisso.

BARONEZA — E enquanto à tal rapariga vou saber do Eduardo quem ela é... e eu propria lhe irei falar. (sai E. A.).

CENA XII

GENERAL, depois MANUEL

GENERAL — (levantando-se e atravessando a cena) Vá a senhora fazer companhia ao diabo e mais ele e todas as costureiras do mundo!... (sentando-se no sofá) Esta gente apostou dar cabo de mim.

MANUEL — (da D. A.) Vossa excelencia já almoçou?

GENERAL — Não. Podes levar tudo e deixa-me. Não estou em casa para ninguem, ouviste?

MANUEL — Sim, senhor, (sai com a bandeja, D. A.).

CENA XIII

GENERAL e JOSE', depois EMILIA

JOSE' — (metendo a cabeça pela porta do F.) Pst... Pst... ó «seu» General?

GENERAL — (voltando-se) Hein? Outra vez!... Que me queres tu?

JOSE' — (entrando e impondo silencio, com o dedo na boca, ao General) Schiu... Caluda... Está ali fóra a minha irmãzinha, a Mila.

GENERAL — Tua irmã!...

JOSE' — (como acima) Mais baixinho. Como vocemecê disse que se não fosse a sua doença a ia ver, lembrou-me traze-la para cá para que vocemecê a visse, sem ter que lá ir. Quer que a mande entrar?

GENERAL — Tu és os meus pecados, garoto. Manda-a lá entrar, manda.

JOSE' — (que vai a sair, voltando) E' verdade: Olhe que ela não sabe que está em sua casa, ouviu? Eu disse-lhe que a trazia a casa de uma senhora que precisava de uma costureira para lhe fazer obra, e então se dê vocemecê por achado, entendeu?

GENERAL — (com bondade) Deixa estar, não tem duvida. (José vai à porta do F.) O caso é que cada vez engrajo mais com este rapaz. Como ele é esperto, o garoto.

JOSE' — (ao fundo falando para dentro) O' Mila?... Entra... (Emilia aparece à porta do F.) Limpaste os pézinhos, ali fóra, no capacho?

EMILIA — Limpei.

JOSE' — Então entra e fala àquele senhor, que é o «seu» General. (baixo a Emilia) Não tenhas medo, é um partasana... (rindo para animar Emilia) com modos de mândão, mas não faz mal a ninguém...

GENERAL — Venha cá minha menina, chegue-se para aqui. (áparte) E' uma perfeita rapariga.

EMILIA — Meu senhor... (para José) Mas, tu disseste-me que era uma senhora.

JOSE' — Ora... uma senhora ou um General, então que tem isso?

GENERAL — Eu desejava conhecê-la e conversar com a menina... Assente-se.

EMILIA — Estou assim muito bem.

GENERAL — Então obriga-me a levantar...

JOSE' — (batendo meigamente no ombro de Emilia) Anda lá, assenta-te e não estejas a tremer que estou eu aqui. (baixo a Emilia) Ele parece assim arrengado, mas é boa pessoa. Tem aqueles modos porque está habituado a tratar com soldados e com cavalos. E' general de Cavalaria. (Emilia assenta-se ao lado do General).

GENERAL — (dando à frase e ao gesto um tom severo) Com que então vocemecê... (Emilia levanta-se assustada).

JOSE' — (baixo ao General) Não fale assim à minha irmã coitadinha! Não esteja a assustá-la com essa voz de trovão...

GENERAL — (sorrindo) Está bom, senhor, não ralhe mais. (para Emilia) Ora vamos, assente-se... (com bondade) que eu sou muito seu amigo... (olha para José).

JOSE' — (com gesto de aprovação) Assim mesmo é que é...

GENERAL — E esteja tranquila e sem receio. Se tenho de ralar com alguém, não é por certo com vocemecê, que me parece boa rapariga.

GENERAL — (já noutro tom) Verdade é que as aparencias enganam muitas vezes... (José tosse para prevenir o General de

que vai caindo na severidade, e este termina a frase com brandura) mas não é no seu caso. (olha para José e este faz-lhe sinal de aprovação com a cabeça).

EMILIA — São favores que eu não mereço... Mas, meu senhor... meu irmão tinha-me dito...

JOSE' — (de longe, chamando a atenção da irmã) Schiu... (faz-lhe sinal para que se cale).

GENERAL — E tenho imenso pesar que meu filho, porque eu sou pai do sr. Eduardo...

EMILIA — Do sr. Eduardo!... Valha-me Deus!... (quer retirar-se).

JOSE' — (para o General) Fê-la bonita!... (detendo Emilia) Anda cá, patetinha, não tenhas medo, que ninguém te faz mal. Então para que estou eu aqui, tolinha?...

GENERAL — (tomando Emilia meigamente pela mão) Venha cá, minha filha, eu não digo isto para a afligir, nem com o intuito de lhe ralhar...

EMILIA — Ah, José! Que me enganaste?... (chora)

JOSE' — Tem paciência, filha, foi para teu bem. Não é verdade «seu» General? Então!... Não te ponhas a chorar, quando não também eu choro...

GENERAL — (para José) Está bom, vai passear para ali e deixa-nos cá...

EMILIA — (como que receiando ficar com o General) José...

JOSE' — Não tenhas medo, que eu não me vou embora... (vai sentar-se a distancia, sobre o braço duma cadeira, não deixando porém, de prestar atenção ao que diz o General a Emilia).

GENERAL — Então diga-me lá; conhece meu filho há muito tempo?

... EMILIA — (chorosa) Desde que foi morar para a casa ao lado da nossa.

JOSE' — (meio lacrimoso) Daí é que data a nossa desgraça.

GENERAL — (para José) Está calado.

JOSE' — (submisso) Sim, senhor, (enxuga os olhos à manga do casaco).

GENERAL — (para Emilia) — E ainda o ama, apesar de a ter enganado?

EMILIA — Eu ainda, sim senhor.

GENERAL — E, diga-me: sua avó... porque a menina tem avó, não tem?

JOSE' — Temos, sim, senhor; temos a avózinha que ficou lá em casa.

GENERAL — (para José) Já te disse que estivesse calado.

JOSE' — (como acima) Pois sim, senhor...

GENERAL — (continuando para Emilia) Ela nunca desconfiou das suas relações com meu filho?...

EMILIA — Apenas ontem começou a suspeitar que o sr. Eduardo pretendia namorar-me, se, porém soubesse a que estado essas relações chegaram morria de desgosto. E eu antes quero viver para aí desgraçada, à esmola de uns e outros, que ser a causa da sua morte.

JOSE' — (sufocado pelo pranto) Enquanto eu viver, não has-de tu pedir esmolas, isso te juro eu.

GENERAL — (mais comovido) Ora está bom, nada de lagrimas... (enxugando os olhos) Então que tolice é esta?...

JOSE' — Mas, o «seu» General...

GENERAL — Tu não te calarás, tagarela?... (continuando para Emilia) E a menina ignorava que meu filho era nobre e rico?

JOSE' — Pudéra não.

GENERAL — O' brejeiro, olha que te mando cortar essa lingua. Ai, que o rapazinho quer festa... Cale já essa boca. (para Emilia) Ele prometeu-lhe casamento?

EMILIA — Prometeu, sim senhor; mas quando lhe re cordava essa promessa e estranhava que se demorasse em cumpri-la, inventava mil pretextos para se justificar. «Dizia que seu pai era inflexível e severo, que não o deixava casar sem completar 25 anos, mas que tão depressa os tivesse iria pedir-me à avó.» Eu acreditava-o e não insistia porque o via quase sempre tão triste e melancólico. E daí amava-o tanto. (ajoelhando aos pés do General) Oh, perdão, sr. General.

JOSE' — (chegando-se a Emilia) Então, Mila...

EMILIA — Amava-o mas já o não amo. Enganou-me, traiu-me, abusou da minha inexperiencia e da minha cegueira... E' um perdido. Abomino-o com todas as forças da minha alma. Não quero mais vê-lo, nem ouvir falar dele.

GENERAL — (muito comovido) Tem razão, é um indigno a quem nunca darei o doce nome de filho. E para quem ficaram, para sempre, cerradas as portas do lar paterno.

EMILIA — Como? Pois foi por mim, por minha causa... foi para o castigar das suas faltas que lhe cerrou o coração e os braços? Oh, pelo amor de Deus não faça tal! Eu sou a unica culpada, eu só... Para que havemos de ser dois os desgraçados? Reconcilie-se com ele... De joelhos lho suplico!... Lembre-se que é seu filho!... Oh, perdoe-lhe, senhor, perdoe-lhe!...

GENERAL (comovido, para José que veio por detraz do sofá colocar-se ao lado dele) E dizia ela que o não amava!...

JOSE' — (enxugando os olhos) Não ama, não! Ele é uma graça!...

GENERAL — (para Emilia) Ora vamos, não se aflija mais. Bem vê que eu não posso autorizar, com o meu perdão, os desvarios desse desgraçado. A ninguem é isso mais custoso do que a mim. Estou velho, doente, e era uma grande consolação para a minha velhice, um grande alivio para os meus achaques, ter junto de mim quem me distraisse... Quem... (depois de curta reflexão) A menina sabe lêr?

EMILIA — (com estranheza) Pois não hei-de saber?...

JOSE' — O «seu General sempre tem perguntas!... Então, não há-de saber ler, tendo sido educada dum recolhimento, como filha de um honrado militar!...

GENERAL — Ah, teu pai era militar, meu pequenote?

JOSE' — Ele era, sim senhor.

GENERAL — Como se chamava?...

JOSE' — Filipe.

GENERAL — Filipe de que?...

JOSE' — Filipe Taveira...

GENERAL — Filipe Taveira de Mondim de Basto?

JOSE' — Sim, senhor.

GENERAL — Conheci-o muito bem. Serviu comigo no 16 de infantaria; era um honrado e valente militar. Quando em 1870 houve o pronunciamento a favor do marechal Saldanha, foi Taveira, com a sua coragem e energia, que conteve no quartel, o regimento a que então pertencia. Valeu-lhe tal feito ser condecorado com o habito de Cristo. Era nesse tempo... alferes. E morreu já?

JOSE' — (tristemente) Morreu, sim senhor... Morreu em capitão reformado; eramos eu e a Mila ainda muito pequenos.

CENA XIV

OS MESMOS e a BARONEZA

BARONEZA — (entrando) O' mano, quer saber?

JOSE' — (baixo a Emilia) E' a seresma da tia.

BARONEZA — (sem vêr Emilia que está encoberta com o General) Ah, és tu pequeno? Tenho uma boa nova para te dar. Saiba General que arranjei um excelente comodo para a rapariga.

GENERAL — O que quer a senhora dizer com um «excelente comodo?»

BARONEZA — A minha amiga, Joana Vila Verde, toma-a para sua casa.

GENERAL — Na qualidade de criada, aposto?

JOSE' — O que é lá isso? Criada, a minha irmã?!...

EMILIA — Ir servir... eu?!

BARONEZA — (dando por Emilia) Ah, é esta?... Não é desengraçada, não. (para Emilia) Por enquanto não te podem dar um ordenado muito avultado, mas se fores boa rapariga e tiveres jeito...

JOSE' — (interrompendo a Baroneza) Ora, diga-me: A gente pediu-lhe alguma coisa? A sr.^a Baroneza está enganada. Minha irmã é costureira, e ainda que o não fosse, enquanto eu viver e a avózinha, não consentiremos que ela ande pelos cantos alheios. Bem sei que não é desonra, mas, cada qual para o que nasceu.

BARONEZA — Nunca vi uma gente assim, tão orgulhosa! Rejeitar um comodo tão bom...

JOSE' — Pois é bom, guarde-o a senhora para si.

BARONEZA — Mas que esperam vocês? Que espera tua irmã?

GENERAL — Isso não é da sua conta. E para reparar os seus destemperos, quero eu proprio oferecer-lhe tambem um lugar... um lugar que ela não há de recusar... junto de mim, na minha casa, à minha mesa... para ser minha enfermeira carinhosa, para me lêr os jornais. E visto que ambos são órfãos e ambos filhos de um velho e honrado companheiro de armas, para quem a fortuna

foi menos grata, toma-los-ei para a minha companhia, se eles consentirem nisso.

JOSE' — E a avózinha, ó «seu» General? A avó há de ficar sózinha lá em casa?... Isso é que não.

GENERAL — Pois venha também a avózinha. Para todos há de haver lugar.

JOSE' — (chorando de alegria) O' «seu» General vocemecê é um homem de bem às direitas.

BARONEZA — O mano está louco!... Pois é nas vespéras do casamento de meu sobrinho...

GENERAL — Vá a sr.^a passear e mais seu sobrinho. Não o quero vêr nem ouvir falar nele. (apontando para Emilia que chora e para José que a está animando) Ali tem. Contemple esse espectáculo.

EMILIA — (vendo entrar Eduardo) Ah, é ele!

JOSE' — Ah! tratante! (quer lançar-se a Eduardo).

GENERAL — (agarrando José) Quietos aqui.

CENA XV

OS MESMOS e EDUARDO

EDUARDO — A sua mão, meu pai. Não me recuse a derradeira bênção. (vendo Emilia) Emilia!...

GENERAL — (severamente) Que vem aqui fazer, senhor?

EDUARDO — Pedir-lhe licença, para me incorporar à força expedicionaria, que amanhã parte para a Africa.

EMILIA — Partir!...

JOSE' — Alto lá... (agarrado pelo General) Primeiro havemos de ajustar contas.

GENERAL — (severo, puxando pelo braço de José) Cala-te.

BARONEZA — Mas que loucura é essa? Que vais tu fazer à Africa?!

EDUARDO — Conquistar o direito ao perdão de meu pai... e de Emilia.

BARONEZA — Oh, mas eu é que não consinto.

GENERAL — Consinto eu. Já obtive licença do ministro?

EDUARDO — Vali-me do seu nome para a alcançar.

GENERAL — (dolorosamente) Parta... purifique-se. Essa resolução prova-me que na sua alma não estão de todo extintos os sentimentos de honra. Parta, pois, e lavará consigo a minha bênção. (estende a mão, que Eduardo beija respeitosamente).

JOSE' — (á parte, com lagrimas) Sim, senhor! Isto é que é saber ser homem!...

EMILIA — (ao General, suplicante) Pois consente? Quer ficar para aqui abandonado e só?

GENERAL — Só não fico eu, pois que tu é teu irmão não me abandonarão mais. (para Eduardo) Vá! Quero, desejo que parta! E quando pelo seu valor e pela sua coragem tiver adquirido direito ao meu perdão, venha perder-me a mão da minha segunda filha, e eu verei se lha posso dar...

JOSE' — (áparte, comovido) Ah, que se eu adivinhasse isto, tinha trazido comigo a avózinha, coitadinha...

BARONEZA — Decididamente o General perdeu a razão!

GENERAL — (exaltando-se pouco a pouco) O que eu perdi foi a paciência para a aturar.

BARONEZA — Semelhante casamento...

GENERAL — Hei de fazê-lo se eu quiser.

BARONEZA — E eu digo-lhe que não há-de.

GENERAL — Por quê?

BARONEZA — Porque eu não quero.

GENERAL — Mas, quero eu.

BARONEZA — Provarei que está demente.

GENERAL — Ah, ele é isso? A senhora desafia-me?...

BARONEZA — Havia de dar que falar semelhante loucura!

GENERAL — (fôra de si para Eduardo) Pois então aí a tens. pega-a lá, dou-ta já... ainda que não seja senão para tua tia se morder de raiva. (junta a mão de Emilia à de Eduardo).

EDUARDO — Emilia... perdoa-me.

BARONEZA — Não consinto... Não quero... Não deixo...

GENERAL — (para a Baroneza) Agora pegue-lhe com um trapo quente...

JOSE' — (Fazendo surriada à Baroneza) Surriada... surriada...

GENERAL — (com aspereza) Silêncio!..

JOSE' — Sim, senhor.

BARONEZA — (ao General) Tal proceder é indigno, mano! Eu vou abandonar, quanto antes, esta casa...

GENERAL — Faça o que quiser, que é o mesmo que eu faço. Caso meu filho com quem quero... (para Emilia e Eduardo que o acariciam e lhe beijam a mão) Está bom, filhos, está bom, sejam felizes. (para Eduardo) E trate-me de ser homem de bem. (a José que muito contente anda aos pulos pela cena) E tu, meu garoto, que estás para aí a pular, tu que foste o autor deste desenlace, que desejas mais?

JOSE' — (com acanhamento) Ainda queria uma coisa, mas não me atrevo a pedi-la, porque tenho medo que vocemecê me diga que não.

GENERAL — Dize, sempre, o que é?

JOSE' — Era... Vocemecê vai dizer que não, verá... Era dar-lhe um abraço.

GENERAL — (estendendo os braços a José) Uma duzia deles, meu rapaz. (abraça José).

JOSE' — Agora mais um, mas muito apertado, para a avózinha...

GENERAL — (empurrando José docemente) Não senhor, peça para si que já não é pouco. A avózinha, se quiser um abraço há de cá vir buscá-lo.

JOSE' — Está dito, «seu» General. E eu que vou buscá-la já. (ameaça saída, aos pulos, muito contente, atirando com o boné ao ar) Viva o «seu» General! Viva a Mila! Viva o Eduardo e viva a avózinha.

TEATRO DE J. VIEIRA PONTES

Peças para amadores, de fácil representação e de agrado certo

A FILHA DO ESTALAJADEIRO, drama em 3 atos 6 h. e 1 s.	12,00
O VISCONDE DA ROSA BRANCA, comédia em 1 ato, 2 h. e 2 s.	7,00
O RAMO DE LILAZES, comédia em 1 ato, 3 h. e 1 s.	7,00
ESPOSA E MÃE, drama em 3 atos, 5 h. e 1 s.	12,00
O LOBO DO MAR, drama em 3 atos, 4 h. e 1 s.	12,00
A ESCRAVA ANDRÉIA, drama em 5 atos, 4 h. e 1 s.	15,00
QUE SOGRA!..., comédia em 3 atos, 3 h. e 2 s.	12,00
A HONRA ULTRAJADA, drama em 3 atos, 3 h. e 1 s.	12,00
O SUAVE MILAGRE, episódio em 1 ato, 3 h. e 1 s.	7,00
O ÚLTIMO ADEUS, drama em 1 ato, 4 h. e 1 s.	7,00
O FÔGO DO CÉU (Relampago), drama em 3 atos, 3 h. e 2 s.	10,00
A FILHA DO MARINHEIRO, drama em 3 atos, 3 h. e 1 s.	12,00
DALILA, drama em 5 atos, 9 h. e 5 s. (trad.)	15,00
A CABANA DE PAI TOMAZ, drama em 5 atos e 7 q., trad., 14 h. e 4 s.	15,00
A RAIZ MARAVILHOSA, comédia em 1 ato, 1 h. e 1 s.	7,00
DOIS MINEIROS NA CÔRTE, comédia em 1 ato, adaptada, 4 h. e 1 s.	7,00
UM PRÉGO NA FECHADURA, comédia em 1 ato, adapta- da, 2 h. e 1 s.	7,00
AQUI NÃO ENTRAM MULHERES!, comédia em 1 ato, 2 h. e 1 s.	7,00
A NOIVA E A ÉGUA, comédia em 1 ato, 3 h. e 1 s.	7,00
FIDALGOS E OPERÁRIOS (A Tomada da Bastilha), dra- ma em 5 atos, (adaptação), 10 h. e 4 s.	15,00
A SOMBRA DO PASSADO, drama em 3 atos (Imitação) 7 h. e 1 s.	12,00
FLÔR DO MARTÍRIO, drama em 3 atos, 5 h. e 3 s.	12,00
LIRA TEATRAL — Coleção de monologos, conçonetas, cenas cômicas, dialogos, etc., próprios para amadores — 6.a edi- ção, 1 volume	25,00
TEATRO DAS CRIANÇAS — Interessante coleção de peças infantis para crianças de 6 a 12 anos, ornada de 6 can- çonetas como musica para piano e canto, prontas a executar — 4.a edição, 1 volume	25,00
LIRA DAS CRIANÇAS — Coleção de Poesias infantis, co- médias, dialogos, etc. (Exgotado)	
LIRA POPULAR BRASILEIRA — Coleção de Poesias dos melhores autores brasileiros e portugueses — 1 vol.	15,00

LIVRARIA TEIXEIRA

Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal, 258 — São Paulo

Homem (O) que nasceu duas vezes, 5 h. e 6 s.	12,00
Interventor (O), 7 h. e 4 s.	12,00
Izidoro (O), 2 h. e 1 s.	12,00
Jequitibá, 7 h. e 5 s.	12,00
Maluco n.º 4, 5 h. e 4 s.	12,00
Ministro do Supremo, 7 h. e 5 s.	12,00
Moços e velhos, 4 h. e 2 s.	12,00
Mudança à meia noite, 4 h. e 1 s.	12,00
Mulata (A) é de circo, 8 h. e 3 s.	12,00
Não dá passarinho, 10 h. e 7 s.	12,00
Noite de São João (A Flor da Ma- ta), 8 h. e 5 s.	12,00
Piperlin, corretor de casamentos, 6 h. e 5 s.	12,00
Primeiro (O) Marido da França, 5 h. e 5 s.	12,00
Que trapalhada!, 4 h. e 3 s.	12,00
Que sogral, 3 h. e 2 s.	12,00
Salim Said Cima, 8 h. e 2 s.	12,00
Se Jesus voltasse..., 7 h. e 3 s.	12,00
Secretario de Sua Excelencia ou (O Futuro Presidente), 9 h. e 5 s.	12,00
Saudade, 4 h. e 3 s.	12,00
Sobrinhos do papá, 4 h. e 1 s.	12,00
Terra Natal, 7 h. e 6 s.	12,00
Tio (O) padre, 4 h. e 1 s.	12,00
Tipos da atualidade, 3 h. e 3 s.	12,00
Um amigo dos diabos!, 4 h. e 1 s.	12,00
Vendedor (O) de ilusões, 9 h. e 5 s.	12,00
Vida (A) é um sonho, 7 h. e 8 s.	12,00

COMEDIAS EM 4 ATOS

Besouro (O) da meia noite, 7 h. 5 s.	15,00
---	-------

DRAMAS EM 1 ATO

Garra (A), 2 h. e 1 s.	7,00
Ladrão de casa, 5 h. só	7,00
Maldição paterna, 7 h. só	7,00
Mentira (A), 4 h. e 1 s.	7,00
Suave milagre, 3 h. e 2 s.	7,00
Uma anedota, 3 h. só	7,00
Ultimo (O) adeus, 4 h. e 1 s.	7,00
Um dia de festa, 2 h. e 5 s.	7,00
Vagabundo (O), 2 h. e 1 s.	7,00

DRAMAS EM 2 ATOS

Amor e honra, 4 h. e 2 s.	10,00
Culpa e perdão, 3 h. e 3 s.	10,00
Dívida de honra, 4 h. e 1 s.	10,00
Giato (O) de Lisboa, 6 h. e 3 s.	10,00
Rosas de N. Senhora, 6 h. e 3 s.	10,00
Um capricho de S. M. Divina, 5 h. e 5 s.	15,00

DRAMAS EM 3 ATOS

Advogado (O) da honra, 6 h. e 1 s.	12,00
Amor louco, 5 h. e 1 s.	12,00
Arnaldo, 10 h. e 1 s.	12,00
Arthur, o ogador, 10 h. só	12,00
Cégo de amor, 3 h. e 2 s.	12,00
Cênas da miséria, 7 h. e 1 s.	12,00
Diana de Rione, 7 h. e 2 s.	12,00
Dois (Os) Sargentos, 10 h. e 1 s.	12,00
Erro de um pai, 5 h. e 1 s.	12,00
Esposa e mãe, 5 h. e 1 s.	12,00
Expedicionário (O), 6 h. e 1 s.	12,00
Falsos (Os amigos, 5 h. e 1 s.	12,00
Ferro em braço, 1 h. e 3 s.	12,00
Filha (A) do estalajadeiro, 6 h. e 1 s.	12,00
Filha (A) do marinheiro, 3 h. e 1 s.	12,00
Filho (O) do adúltero, 5 h. e 1 s.	12,00
Filho natural, 5 h. e 1 s.	12,00

Filho (O) Prodigio, 8 h. só	12,00
Filhos (Os) da canaleta, 5 h. e 2 s.	12,00
Flor do martirio, 4 h. e 4 s.	12,00
Fogo do Céu (Relampago), 3 h. e 2 s.	12,00
Gabriel e Lusbel (Os milagres de Santo Antonio), 17 h. e 7 s.	12,00
Herança (A) de um marinheiro, 4 h. e 1 s.	12,00
Honra (A) ultrajada, 3 h. e 1 s.	12,00
Ingrato (O), 3 h. e 1 s.	12,00
Inimigas, 3 h. e 4 s.	12,00
Lagrimas de Mãe ou Um filho... Um Pecado, 5 h. e 4 s.	12,00
Leonardo, o pescador, 6 h. e 1 s.	12,00
Lóbo (O) do mar, 4 h. e 1 s.	12,00
Luiz, ou a cruz do juramento, 6 h. e 1 s.	12,00
Jequitibá, 7 h. e 3 s.	12,00
João, o corta-mar, 6 h. e 1 s.	12,00
Morte civil, 6 h. e 2 s.	12,00
Nódoas (As) de sangue, 7 h. e 1 s.	12,00
Operários em greve, 8 h. só	12,00
Pena (A) de morte, 6 h. e 1 s.	12,00
Provas (As) do crime, 5 h. e 1 s.	12,00
Rosa do Adro, 8 h. e 2 s.	12,00
Segredo (O) do pescador, 5 h. e 2 s.	12,00
Sétimo Céu, 13 h. e 3 s.	12,00
Sombra do Passado, 7 h. e 1 s.	12,00
Sonhos de louca, 7 h. e 1 s.	12,00
Tocadora (A) de harpa, 7 h. e 2 s.	12,00
Um erro judiciário (O louco da aldeia), 8 h. e 1 s.	12,00
Valeria, a cega, 3 h. e 2 s.	12,00
Veterano da liberdade, 3 h. e 1 s.	12,00
20.000 dolars, 13 h. e 2 s.	12,00

DRAMAS EM 4 ATOS

Alma nobre, 4 h. e 2 s.	15,00
Deus e a Natureza, 5 h. e 2 s.	15,00
Filha (A) do Saltimbanco, 6 h. e 2 s.	15,00
Cruz (A) de cedro, 10 h. e 1 s.	15,00
Gaspar, o serralheiro, 9 h. e 1 s.	15,00
Gênio (O) galé, 8 h. e 1 s.	15,00
Jovelyn, o pescador de baleias, 4 h. e 1 s.	15,00
Ladrões da honra, 7 h. e 1 s.	15,00
Magda, 6 h. e 7 s.	15,00
Mais forte que o amor, 10 h. e 2 s.	15,00
Orfã (A) de Goyaz, 6 h. e 2 s.	15,00
Poder (O) do ouro, 12 h. e 2 s.	15,00
Silêncio heróico, 9 h. só	15,00
Sylvio, o cigano, 7 h. e 1 s.	15,00
Vampiros sociais, 7 h. e 1 s.	15,00

DRAMAS EM 5 ATOS

Cabana (A) de Pai Tomaz, 14 h. e 4 s.	15,00
Conde (O) de S. Germano, 16 h. e 2 s.	15,00
Dalila, 9 h. e 5 s.	15,00
Escrava (A) Andréa, 4 h. e 1 s.	15,00
Fidalgos e operários (A Tomada da Bastilha), 10 h. e 3 s.	15,00
Filha (A) do mar, 16 h. e 3 s.	15,00
Filho (O) do montanhês, 5 h. e 2 s.	15,00
Mártir (O) do Calvário, 22 h. e 6 s.	15,00
Modelo (O) vivo, h. e 1 s.	15,00
Remorso (O) vivo, 15 h. e 2 s.	15,00

MONÓLOGOS E POESIAS DRAMÁTICAS

Benvinda	6,00
O Melro	4,00
A Judia	4,00

TEATRO RADIOFONICO

Coleção de SKETCHES próprios para Estações de Rádio, Atores e Amadores
Dramáticos todos de grande sucesso e agrado certo

Entre às dez e às onze — 1 h. e 2 s.	2,90
Piedosa Mentira — 2h. e 1 s.	2,00
Os sapatos de Natal — 2 h. e 1 s.	2,00
Querida Amiga — 1 h. e 1 s.	2,00
O Colar de Pérolas — 1 h. e 1 s.	2,00
Injustiça da Lei — 1 h. e 1 s.	2,00
A Última do Polidoro — 1 h. e 1 s.	2,00
Viagem Perigosa — 2 h. e 1 s.	2,00
Os Porteiros — 2 h. e 1 s.	2,00
Assombração — 2 h. e 1 s.	2,00
Como se pesca um noivo — 1 h. e 1 s.	2,00
A Velha Usurária — 2 h. e 1 s.	2,90
A Inspiração — 2 h. e 1 s.	2,00
A Vassoura Elétrica — 1 h. e 1 s.	2,00
O amor e o chá — 1 h. e 1 s.	2,00
Recordação — 1 h. e 1 s.	2,00
Ela e o chefe — 3 h. e 1 s.	2,00
Viuvos do século XX — 2 h. e 1 s.	2,00
O Professor de Violino — 2 h. e 2 s.	2,90
Dentista patife... mas de sorte — 3 h. e 2 s.	2,00
A Promessa — 3 h. e 1 s.	2,00
A Chave — 3 h. e 1 s.	2,00
Meu grande amor! — 3 h. e 1 s.	2,00
A Tragédia! — 3 h. e 1 s.	2,00
Camareiro Cuidadoso — 3 h. e 1 s.	2,00
O "Palfite" do Manoel — 3 h. e 1 s.	2,90

TEATRO DE ODUVALDO VIANA — Contendo as seguintes peças: O homem que nasceu duas vezes — Feitico — A casa de Tio Pedro — A vida é um sonho — O vendedor de ilusões — Terra Natal, 1 grosso vol. de mais de 500 pgs.		40,00
TEATRO DE SILVINO LOPES — 1 vol. contendo duas peças deste festejado autor: A LADRA, 3 atos, 3 h. e 2 s. e ESFINGE 3 atos, 4 h. e 4 s., representadas com grande sucesso em todos os teatros do Brasil. Preço do volume		30,00
TEATRO DAS CRIANÇAS — Lindíssima coleção de peças infantis, para crianças de 8 a 12 anos, muito próprias para colégios e festas familiares. Comédias, monólogos, poesias, diálogos, recitativos e seis lindíssimas canções com as respectivas músicas para piano e canto, prontas a executar. Verdadeira novidade. Cuidadosamente organizada por J. Vieira Pontes, 4.ª edição. Um grosso volume em bonita capa		25,00
TEATRO DE PAULO DE MAGALHÃES — Um grosso volume, contendo as seguintes peças: Aventuras de um rapaz feio — Saudade — A ditadora — A cigana me enganou — Feia — O coração não envelhece e Chica Bôa. Nova edição, contendo o volume 7 peças de grande sucesso. Preço do volume		50,00
TEATRO RÁPIDO — Coleção de 20 sketches de grande sucesso, próprios para rádio, por Celestino Silva, 1 vol.		15,00
INIMIGAS — Peça em 3 atos de Carlos Malheiro Dias, 1 vol.		10,00
O CANTO DAS SEREIAS — Peça em 3 atos de Delgado de Carvalho, 6 h. e 7 s.		10,00
RADIO TEATRO - Coleção de 10 sketches, por Mateus Clano, 1 vol.		10,00

CREPE PARA BARBAS — de várias cores ao preço de metro ..	20,00
BAYON — para caracterização, Caixas de 8 cores sortidas	40,00

LIVRARIA TEIXEIRA — Rua Libero Badaró, 491
S. Paulo — Telefonic: 36-3185